

**A presença feminina na história da ciência: A
construção e demonização das bruxas na Europa
medieval**

ARIADNE FERNANDES LACERDA

Uberlândia, MG

Dezembro 2017

Universidade Federal de Uberlândia

**A presença feminina na história da ciência: A
construção e demonização das bruxas na Europa
medieval**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção da graduação em bacharelado
em Química Industrial.

Orientador: Prof. Dr. Deividi Márcio
Marques.

Uberlândia, MG

Dezembro 2017

ARIADNE FERNANDES LACERDA

**A presença feminina na história da ciência: A
construção e demonização das bruxas na Europa
medieval**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para
obtenção da graduação em bacharelado
em Química Industrial.

Banca de Avaliação:

Profa. Ms. Adriângela Guimarães de Paula - IQUFU

Profa. Ms. Talita Ferreira de Rezende Costa - IQUFU

Prof. Dr. Deividi Marcio Marques – IQUFU
Orientador

Uberlândia, __ de Dezembro de 2017

Agradecimentos

Agradeço imensamente aos meus pais, Níria Maria Martins Fernandes e Antônio Júlio de Lacerda, pela oportunidade e o incentivo aos estudos que sempre me forneceram, pelo apoio e amor incondicional e pela minha formação social construída a partir de seus alicerces.

A minha querida tia, Nilma Aparecida Fernandes, pela amizade fortalecida através dos anos, pelo carinho, pelo apoio e pelos cuidados prestados desde quando eu era criança.

A minha amada irmã, Iris Fernandes Lacerda, pela amizade mais do que especial, pelos conselhos, alegrias, risadas e por ser sempre meu porto seguro.

Aos meus queridos avós maternos, Júlia Fernandes de Jesus e José Martins Fernandes, pela presença marcante na minha vida, pelo amor e por todas as lembranças, que me remetem felicidade e enorme saudade.

Aos meus queridos tios, José Cesar Fernandes e Vilma de Jesus Fernandes e a meus queridos avós paternos, Coleta Ribeiro de Lacerda e José Carlos de Lacerda, pelo amor, carinho e recepção.

Aos meus tios e tias, primas e primos e demais familiares pelo carinho e pela presença em muitos momentos da minha vida.

Aos meus amigos de Uberlândia, em especial, Letícia Mara Teixeira, Alexandre Jora Paschoal e Gabriel Magela Rocha, pela amizade de longa data e de todas as horas, pelo companheirismo e por todos os momentos vividos, sempre memoráveis.

Aos meus amigos de Franca, em especial, Eder Santana, pela atenção, amizade e ajuda com alguns tópicos.

Aos meus demais amigos, pelo carinho, apoio e conversas.

Aos meus professores do ensino médio, pelos ensinamentos, carinho e orientações durante meu caminho até o ensino superior.

Aos meus professores do ensino superior, pela minha formação como profissional.

Às professoras componentes da minha banca avaliadora, Adriângela Guimarães de Paula e Talita Ferreira de Rezende Costa, pela atenção e disponibilidade.

Ao professor Deividi Márcio Marques, pela oportunidade, pela atenção e pela orientação.

A todas as mulheres, que mesmo enfrentando a repressão e a censura ao longo dos anos, resistiram e lutaram pelos seus direitos e inserção na sociedade, sobretudo na ciência, na construção e na divulgação do saber.

Resumo

O estudo da história da ciência é relevante para a compreensão da ciência e do universo científico de cada época. Mediante desse estudo, é possível notar e discutir o desenvolvimento da presença feminina nos primórdios da alquimia e da química com o passar dos tempos. A construção e disseminação do mito da bruxaria na Europa medieval e a sua relação com a presença das mulheres na alquimia pode ser observada por meio das análises do contexto histórico, político, religioso, cultural e ideológico do período em questão, que levaram à perseguição e extermínio de inúmeras pessoas, sendo em grande maioria, mulheres.

Palavras chaves: História da ciência, Mulheres na ciência, Bruxas

Índice de Figuras

Figura 1: Mulher carregando uma cesta de espinafres	13
Figura 2: Tablete de argila que apresenta o nome de Tapputi e a sua receita para a produção de uma pomada feita com flores e óleo de cálamó, obtido por destilação.....	14
Figura 3: Aparelho de destilação inventado por Maria.....	15
Figura 4: <i>Il secreti de la signora Isabella Cortese</i> , livro publicado por Isabella Cortese.....	15
Figura 5: Ilustração feita por Marie.....	17
Figura 6: Camponeses preparando a terra	25
Figura 7: “O Triunfo da morte”, obra de Pieter Bruegel, 1562.....	26
Figura 8: “A Dança da Morte” representada em mural da Igreja de Santa Maria, Polônia.....	27
Figura 9: Mulheres pedreiras construindo um muro no século.....	32
Figura 10: Camponeses enforcando um monge que vendeu indulgências.....	33
Figura 11: Michelangelo, O pecado original e a expulsão do paraíso.....	36
Figura 12: Bruxas assando crianças. Do <i>Compendium Maleficarum</i> , 1608, de Francesco Maria Guazzo.....	44
Figura 13: O sabá das bruxas pelo artista alemão Hans Baldung Grien, explorando pornograficamente o corpo feminino e exaltando o conceito de sexualidade atrelado à bruxaria.....	45
Figura 14: O Diabo seduz uma mulher a fim de fazer um pacto. De <i>De Lamies</i> (1489), de Ulrico Monitor.....	46
Figura 15: representação das três irmãs Moiras	51
Figura 16: Representação da mandrágora.....	51
Figura 17: Uma bruxa com uma imagem humanizada da mandrágora sob a luz da lua.....	52
Figura 18: Coleta da mandrágora	53
Figura 19: Figura Tristão, Isolda e a poção mágica.....	54
Figura 20: Estrutura molecular Atropina.....	55
Figura 21: Estrutura molecular da escopolamina.....	55

Figura 22: Ilustração dos mecanismos de ação dos receptores colinérgicos muscarínicos, nos quais os neurotransmissores agem nos receptores metabotrópicos regulando canais iônicos indiretamente (molécula efetora) através da ativação da proteína G. No exemplo, o receptor muscarínico regula a abertura do canal de potássio através da subunidade alfa da proteína G.....	57
Figura 23: Estrutura da acetilcolina	58
Figura 24: estrutura do ácido aspártico.....	59
Figura 25: Representação das bruxas em estado de euforia.....	60
Figura 26: Representação medieval de uma bruxa “voando” em uma vassoura	61
Figura 27: Gravura de Hans Weiditz, O herbário da bruxa (1532)	63

SUMÁRIO

1.Introdução.....	10
1.1. A importância da história da ciência.....	11
1.2. Participação das mulheres na história da química.....	12
1.3. Objetivo do trabalho e metodologia.....	18
2. Contexto histórico.....	19
2.1. A construção de justiça na era medieval.....	20
2.2. O caos da Europa medieval.....	24
3.As mulheres na transição política.....	29
4. A mulher como o maligno.....	34
5. O mito da Bruxaria.....	37
6. O <i>Malleus Maleficarum</i>.....	41
6.1 A Bula Papal.....	42
6.2 Parte um.....	42
6.3. Parte dois.....	46
6.4. Parte três.....	48
7. As três principais moléculas da bruxaria.....	49
8. A caça às bruxas e a ciência moderna.....	62
9. Considerações finais.....	65
10.Referências.....	68
11. Anexo	71

1. Introdução.

A importância do estudo da história da ciência e a participação feminina na ciência.

“Nas duas faces de Eva

A Bela e Fera

Um certo sorriso

De quem nada quer

Sexo frágil

Não foge à luta

E nem só de cama

Vive a mulher”

Cor de Rosa-Choque – Rita Lee.

1.1. A importância da história da ciência.

A química é a ciência que estuda a composição, energia, estrutura e propriedades da matéria e as transformações sofridas por ela. Foi desenvolvida principalmente por meio de observações e experimentos durante o desenvolvimento histórico científico levando em consideração os contextos sociais, políticos, culturais, religiosos, filosóficos e tecnológicos que contribuíram para a elaboração de teorias e especulações que, posteriormente gerariam estudos para a construção dos conhecimentos científicos atuais. Sendo assim, evidencia-se a importância da abordagem da história da ciência no estudo da química como fundamento no seu aprendizado.

Matthew discute a crescente crise do ensino de ciências, visualizada não só pela evasão de alunos e de professores das salas de aula, como também, pelos dados alarmantes sobre o analfabetismo científico dos discentes nas interpretações da Ciência (MATTHEWS, 1995). Esse analfabetismo se dá pela falta da contextualização e interdisciplinaridades entre as informações científicas químicas ensinadas e a parte histórica e filosófica. A inserção da história da química possibilita, deste modo ao discente, a compreensão do desenvolvimento do processo dessa ciência como um todo (OKI, MORADILHO, 2008).

O contexto científico se encontra em constante oscilação e, sem dúvidas, pode receber interferência do ambiente tanto local quanto global. Contudo, essas interferências podem ser recebidas e entendidas de diversas formas em um mesmo evento e por um mesmo observador de acordo com sua perspectiva. Segundo Gagliardi e Giordan a análise da história da ciência é um fator importante para a estimulação do aprendizado de uma forma mais abrangente e completa

“A história da ciência pode mostrar em detalhe alguns momentos de transformação profunda da ciência e indicar quais foram as relações sociais, econômicas e políticas que entraram em jogo, quais foram as resistências a transformação e que setores trataram de impedir a mudança. Essa análise pode fornecer as ferramentas conceituais para que os alunos compreendam a situação atual da ciência, sua ideologia dominante e os setores que a controlam e que se beneficiam dos

resultados da atividade científica” (GAGLIARDI, GIORDAN, 1986, p. 254).

Segundo os PCNEM (Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio), a química para o ensino médio deve ser:

“... instrumento da formação humana que amplia os horizontes culturais e a autonomia no exercício da cidadania, se o conhecimento químico for promovido como um dos meios de interpretar o mundo e intervir na realidade, se for apresentado como ciência, com seus conceitos, métodos e linguagens próprios, e como construção histórica, relacionada ao desenvolvimento tecnológico e aos muitos aspectos da vida em sociedade” (PCNEM, p. 87).

A partir desse trecho, Marques e Caluzi afirmam que o ensino de Química deve ir além de somente a passagem de informação singulares, ele deve também promover uma discussão entre o professor e os seus alunos trazendo questões a sala de aula que resultem em conflitos cognitivos a fim de ocasionar uma possibilidade de uma mudança no perfil conceitual do aluno, promovendo a estimulação de um senso crítico no discente que passará a ver a química não apenas como uma disciplina isolada, mas como um conhecimento incorporado no cotidiano do aluno e em seus outros conhecimentos adquiridos (MARQUES, CALUZI, 2005).

Nota-se um verdadeiro apelo para a apreciação e valorização do estudo da história da ciência, principalmente da química, para a compreensão do conteúdo de forma completa e abrangente.

1.2. Participação das mulheres na história da química.

A exclusão das mulheres nos diversos campos de destaque da sociedade é evidente ao analisarmos a história. A submissão feminina sempre fora justificada por mitos e, principalmente, pelo cristianismo, que construiu uma ideologia de forma que os homens eram detentores do poder de tomar quaisquer decisões dentro das comunidades, como será abordado posteriormente.

Na história da ciência, essa exclusão aconteceu com similaridade, que pode ser facilmente percebida e analisada pelo difícil acesso das mulheres à educação na época medieval e escassa projeção de mulheres cientistas até o século XX. Foi nesse século, quando, finalmente, ocorre a revolução feminista, provocando não apenas o acesso das mulheres à cidadania, mas a acentuação e estimulação do fenômeno de feminização da cultura e de inserção da mulher na ciência (RAGO, 2004).

Apesar da participação reprimida das mulheres no campo acadêmico e na ciência, principalmente as exatas, a química apresenta uma presença bastante significativa de mulheres que contribuíram desenvolvendo pesquisas ou participando de forma ativa na divulgação do conhecimento científico, auxiliando no seu desenvolvimento (TRINDADE, BELTRAN, TONETTO, 2016).

A principal ponte de acesso das mulheres à ciência era o contato com plantas e ervas. Na idade média, as mulheres frequentemente cultivavam hortas, onde plantavam ervas medicinais. Seus conhecimentos dos efeitos e propriedades das ervas eram usados para a fabricação de chás e remédios naturais e eram transmitidos de geração para geração (FEDERICI, 2004).



Figura 1: Mulher carregando uma cesta de espinafres. (FONTE: FEDERICI, 2004).

A primeira mulher reconhecida que se tem registros foi a babilônica Tapputi Belatekallim, nascida em 1200 a.C e que trabalhou na produção de perfumes e fármacos (TRINDADE, BELTRAN, TONETTO, 2016).



Figura 2: Tablete de argila que apresenta o nome de Tapputi e a sua receita para a produção de uma pomada feita com flores e óleo de cálamo, obtido por destilação. (FONTE: TRINDADE, BELTRAN, TONETTO, 2016).

Outra mulher que teve bastante representatividade na história da química foi a Maria judia, inventora do Banho-Maria, técnica utilizada até hoje nos laboratórios e na cozinha. Maria também teria descoberto o ácido clorídrico e desenvolvido dois aparelhos usados para a destilação, nomeados Dibikos e Tribikos, e um aparelho de sublimação (NUNES et al. 2008)

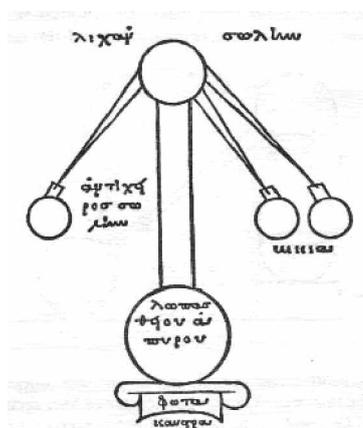


Figura 3: Aparelho de destilação inventado por Maria. (FONTE: TRINDADE, BELTRAN, TONETTO, 2016).

Com o grande incentivo da leitura e publicação de livro na Europa, abriu-se o espaço para algumas mulheres publicarem suas obras, como é o caso de Isabella Cortese, que publicou uma coletânea constituída por quatro livros, sendo os três primeiros sobre procedimentos químicos e alquímicos utilizados para a produção de medicamento, tintas, corante e produtos diversos, enquanto o último continha saberes para a produção de cosméticos como sabões e águas perfumadas (TRINDADE, BELTRAN, TONETTO, 2016).



Figura 4: *Il secreti de la signora Isabella Cortese*, livro publicado por Isabella Cortese. (FONTE: TRINDADE, BELTRAN, TONETTO, 2016).

Margaret de Cavendish, duquesa de Newcastle, também foi outra autora de grande renome para a história das mulheres na ciência. Ela publicou cerca de quatorze livros dos mais variados temas, inclusive método científico e foi a primeira mulher a receber o convite raríssimo e comparecer a uma reunião da *Royal Society* (CUNNING, 2017). Em sua obra *Poems and Fancies*, de 1753, encontram-se uma série de poemas sobre átomos, expressando seu interesse e conhecimento sobre a matéria e sua constituição (TRINDADE, BELTRAN, TONETTO, 2016, p. 28):

“Um mundo constituído por quatro tipos de átomos:

O átomo agudo e sutil do fogo, que é rápido e seco;

O longo e, como flecha, dirige ao ar o seu voo;

O redondo que a água umedece, (uma forma oca);

O que tem figura quadrada, que em terra pesada se torna.

Os átomos pontudos fazem os minerais duros,

Os átomos redondos tonam os vegetais macios.

Nos animais, nenhum tipo encontra-se sozinho,

Mas os quatro se encontram e se juntam como se fossem um.

Então os átomos são as substâncias de todas as coisas,

Com suas quatro formas compõem o Baile Universal. ”

Na França, duas mulheres autoras de suma importância foram a Madame Fouquet, que publicou um livro de receitas químicas em 1681 chamado *Les Rémedes Charitables de Madame Fouquet*, e a Marie Meurdrac, que publicou o livro contendo instruções de preparações de cosméticos e medicamentos chamado *La Chymie Charitable et facile en faveur des dames*, em 1666 (TRINDADE, BELTRAN, TONETTO, 2016).

Ainda na França, no século XVIII destacou-se Marie Anne Paulze Lavoisier, casada com Antoine Lavoisier, grande percussor da química moderna. Maria traduzia vários textos para seu marido e acompanhava-o em encontros com estudiosos, além de estudar e preparar ilustrações, publicadas com sua assinatura, de experimentos e aparatos utilizados por Lavoisier (TRINDADE, BELTRAN, TONETTO, 2016).

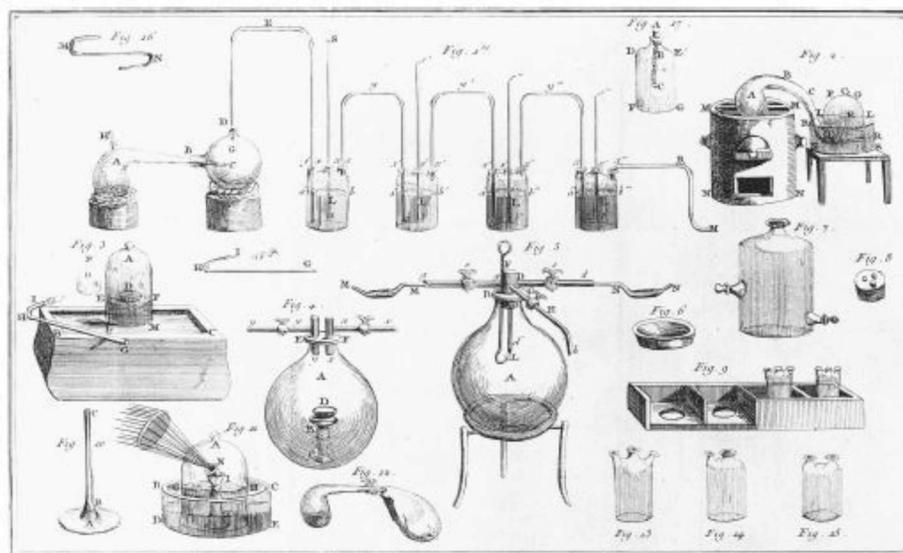


Figura 5: Ilustração feita por Marie. (FONTE: TRINDADE, BELTRAN, TONETTO, 2016).

Na Inglaterra, no início do século XIX, foi a vez de Jane Marcet, casada com um médico e professor de química no *Guy's Hospital of Medical School*, publicar sua obra *Conversations on Chemistry*, que tinha como objetivo transmitir conhecimentos básicos de química como base para os frequentadores dos cursos oferecidos pela *Royal Institution of Great Britain* (TRINDADE, BELTRAN, TONETTO, 2016).

Desta forma, as mulheres foram se impondo na história da ciência com pequenos feitos, dando espaço para grandes cientistas que futuramente surgiram, como a ilustre Marie Curie (1867-1934), que descobriu e isolou os elementos químicos polônio e o rádio e foi a primeira mulher do mundo a ganhar um prêmio Nobel.

Ainda que tenhamos a presença das mulheres que contribuíram com ideias, receitas, experimentos e questões que envolviam explicações sobre os fenômenos naturais, houve um período pelo qual mulheres foram caçadas e exterminadas por conta de supostas “obras demoníacas” e, frequentemente, chamadas de bruxas, principalmente na idade média o que, de alguma maneira, contribuiu para o estabelecimento e o fortalecimento de uma sociedade patriarcal, colocando as mulheres em segundo plano no contexto familiar e social.

1.3. Objetivo do trabalho e metodologia.

A partir desses dois parâmetros, a importância do estudo da história da ciência para o aprendizado e a presença feminina na história da ciência, elucidados nos itens anteriores, o presente trabalho tem como objetivo a análise do contexto histórico, político, psicológico e religioso em que a bruxaria foi declarada e inserida. Além disso, estuda-se com ênfase o teor misógino e como ele é evidenciado e construído vagarosamente a partir de ideologias anteriores, porém justificado e concretizado na época medieval com o medo do desconhecido e a falta de embasamento científico.

A metodologia desse artigo consiste na consulta da literatura e no levantamento bibliográfico de várias obras e trabalhos científicos que contemplem os temas a serem abordados, a fim de construir uma visão interdisciplinar que explique mais profundamente a relação entre a alquimia na época medieval, a perseguição das mulheres, o contexto histórico, o pensamento medieval e a influência religiosa. Tem-se como base principal de análise a obra *Malleus Maleficarum*, conhecida em português como O Martelo das Feiticeiras, escrita pelos inquisidores Kramer e Sprenger e amplamente utilizada para a caracterização, caça e tortura das supostas bruxas.

A análise do Martelo das Bruxas é de grande importância, pois abrange os principais critérios a serem estudados e relacionados, que poderão ser interpretados mais brandamente com o auxílio das construções contextuais providas das outras fontes bibliográficas adotadas. Além da discussão da influência, importância e consequências da caça às bruxas para a Europa medieval, como elemento final estima-se discutir também se esse contexto teve alguma relevância para a inserção futura das mulheres no universo científico.

2. Contexto histórico.

A construção do cenário político e histórico por trás da inquisição.

A Santa Inquisição, um movimento conhecido por ser repleto de censura, repressão e torturas brutais, que tinha como objetivo manter a justiça divina, foi fortemente deflagrado durante o período medieval. Contudo, esse fenômeno foi produto da sua época, inserido num clima religioso e em certas condições de vida, submetido à força dos costumes e de toda uma formação cultural, de diferentes valores, hábitos, crenças e mentalidades, que forçosamente contribuíram ao moldar o seu comportamento (GONZAGA, 1993). Alguns desses aspectos importantes que propiciaram sua ascensão serão discutidos em seguida.

2.1. A construção de justiça na era medieval.

Prevalece na idade média, principalmente, nos séculos XIV, XV e XVI o sistema de feudalismo, baseado em relações de vassalagem e suserania. O suserano cedia uma parte do seu lote de terra ao vassalo, que a partir de então, deveria prestar fidelidade e apoio ao seu suserano. Todos os poderes, jurídico, econômico e político concentravam-se nas mãos dos senhores feudais, donos de lotes de terras (feudos) (GONZAGA, 1993).

A sociedade feudal era totalmente hierarquizada, constituída por três camadas sociais. A nobreza feudal (senhores feudais, cavaleiros, condes, duques, viscondes) era a camada detentora de terras e arrecadava impostos dos camponeses. O clero (membros da Igreja Católica) tinha um grande poder sobre a população, pois era a camada responsável pela proteção espiritual da sociedade, eram isentos de impostos e arrecadavam o dízimo dos fiéis como prova da devoção à Deus, Cristo e seus ensinamentos. A terceira camada da sociedade era formada pelos servos (camponeses) e pequenos artesões, os quais pagavam várias taxas e tributos aos senhores feudais, tais como: corveia (trabalho de 3 a 4 dias nas terras do senhor feudal), talha (metade da produção), banalidade (taxas pagas pela utilização do moinho e forno do senhor feudal) (MICELLI, 1996).

Nesse regime, as regras processuais adotadas eram basicamente as mesmas, sendo o assunto civil ou criminal. O sistema em vigor era o “sistema acusatório”, no qual a pessoa que acusava era a pessoa lesada, ou se estivesse morta, o direito de propor a

acusação era transferido à sua família, sem qualquer noção do interesse público em punir os crimes. A assembleia era regida basicamente pelo senhor feudal (GONZAGA, 1993).

O procedimento era público, oral e formalista. No dia fixado, as partes compareciam pessoalmente perante a assembleia formada pelos seus pares, sob a presidência do senhor feudal ou de um seu representante. O autor apresentava sua queixa de viva voz, através de rígidas fórmulas tradicionais, sem cometer nenhuma falha que permitisse ao adversário proclamar nula a demanda. Em seguida, competia ao acusado responder de imediato, uma vez que o silêncio equivalia a uma confissão. A defesa tinha de consistir em negações exatamente ajustadas aos termos da acusação, refutando-a palavra por palavra, de verbo ad verbum. (GONZAGA, 1993, p. 22).

A apresentação de qualquer prova testemunhal também era feita de maneira oral em forma de depoimentos. Caso os juramentos não fossem aceitos ou não houvesse um número de testemunhas suficientes, eram realizadas duas outras alternativas, oriundas do antigo Direito germânico: o duelo e os "Juízos de Deus". Ambos se baseavam na mesma crença, de um Deus, essencialmente católico, sempre presente no mundo, a interferir nos negócios humanos, devido à época que o feudalismo era inserido. Desta forma, a intervenção divina era invocada para que apontasse o culpado e não permitisse a condenação de um inocente. No duelo, acontecia realmente um duelo entre o acusador e o acusado, sendo que o vencedor era o detentor da razão, já nos "juízos de Deus" ou ordálios, o acusado e suas testemunhas eram submetidos alguma prova que era demonstrada por Deus se tratava-se de um culpado ou um inocente (GONZAGA, 1993).

“Os métodos variaram muito, mas em regra consistiram na "prova do fogo" ou na "prova da água". Por exemplo, o réu devia transportar com as mãos nuas, por determinada distância, uma barra de ferro incandescente. Enfaixavam depois as feridas e deixavam transcorrer certo número de dias. Findo o prazo, se as queimaduras houvessem desaparecido, considerava-se inocente o acusado; se se apresentassem infeccionadas, isso demonstrava a sua culpa. Equivalentemente ocorria na "prova da água", em que o réu devia por exemplo submergir, durante o tempo fixado, seu braço numa caldeira cheia de água fervente. A expectativa dos julgadores era de que o culpado, acreditando no ordálio e por temor a suas consequências,

preferisse desde logo confessar a própria responsabilidade, dispensando o doloroso teste. Se o imputado fosse nobre de muito alto nível, um príncipe, um conde, era-lhe permitido indicar algum subordinado seu para participar dessas provas. ” (GONZAGA, 1993, p. 23).

Os ordálios, apesar de conter teor religioso, tiveram oposição da igreja e acabaram declinando e desaparecendo no século XIV para dar espaço a outro sistema processual proposto pela própria igreja (GONZAGA, 1993). Contudo, ao analisarmos esse tipo de justiça, é possível perceber que a mesma já retrata uma certa brutalidade e falta de consistência de provas e acusações inseridas nesse contexto, firmando assim um sistema processual conhecido como “acusatório” que deixaria suas sequelas posteriormente.

Concomitantemente, da justiça feudal surgiu-se a justiça da igreja que, inicialmente se aplicava somente ao clero, para que o religioso que cometesse alguma imprudência pudesse pagá-la de acordo com a normas da igreja. A justiça da igreja vagarosamente daria origem ao que foi chamado de “sistema processual inquisitório”, marcado pela autoridade suprema da igreja para acusar, apresentar provas e penalizar.

“Tudo enfim se passava em outro plano, totalmente distinto das jurisdições feudais. Para ter início o processo, admitiu-se a *denuntiatio* de qualquer fiel. Logo, porém, o Direito Canônico preferiu o procedimento de ofício, em que a autoridade eclesiástica desencadeava as investigações tão logo percebesse a possibilidade de alguma irregularidade. Com o papa Inocêncio III, no século XIII, e com o quarto Concílio de Latrão, em 1216, firmou-se o método da *inquisitio*. No procedimento *per inquisitionem*, permitia-se ao juiz, mesmo sem acusador, abrir um processo e nele livremente colher as provas conducentes ao julgamento. Na Igreja nasce, desse modo, o que se veio a chamar de "sistema processual inquisitório", caracterizado então por estas notas: a autoridade dispõe de poderes para, por sua iniciativa, encetar uma ação penal; liberdade do juiz para colher as provas que entenda necessárias; procedimento secreto, em que avulta o interesse em obter a confissão do réu. ” (GONZAGA, 1993, p. 24-25).

Como nessa época o sistema inquisitório era aplicado somente para os membros da igreja, houve-se a necessidade da implementação de um novo sistema

inquisitório. Devido ao crescimento das cidades, levou-se ao desenvolvimento de jurisdições municipais, com regras próprias e outras formas de julgamento. Nesse contexto, no século XII, a Universidade de Bolonha retomou o Direito Romano, ou seja, o Direito Imperial consolidado no *Corpus Juris Civilis*, que havia caído no olvido, momento que se veio a chamar "renascimento do Direito Romano" e que se expandiu por vários países. Contrastando com os costumes rudimentares do feudalismo, não merecedores de confiança, os juristas medievais encontraram no *Corpus Juris* um conjunto prático, completo e coeso de normas sábias e sensatas na época. Já que o Direito Imperial romano estava montado sobre a ideia de centralismo político, ele foi brandamente favorecido devido ao fortalecimento do Poder central, dos reis, que começaram a se impor inclusive na administração da Justiça (GONZAGA, 1993).

Esse Direito representou um grande progresso para a sociedade medieval, entretanto ele veio acompanhado de uma característica que seria marcante para a época: a tortura. Durante toda a instrução criminal, até o século XVIII, será marcada pela ideia da confissão do acusado extorquida pela dor. Assim, firmou-se essa nova orientação na Justiça Criminal secular, em que se mesclaram influências do Direito Canônico e do Direito romano, dando início então o tenebroso período depois designado como "da vingança pública", com base num sistema inquisitório, parecido com o implantado na Igreja católica, porém com estes acréscimos: processo secreto e escrito, defesa inexistente ou fortemente cerceada, largo emprego da tortura. (GONZAGA, 1993).

Obviamente, como era de se esperar, não havia nenhuma igualdade sequer das pessoas perante a lei igual legalmente há hoje. Por expressas disposições legais, as pessoas eram tratadas de formas diferentes no processo, julgamento e nas punições, de acordo com a classe social a que pertencessem. Aos nobres, dificilmente se aplicava a tortura e as penas eram também executadas diferentemente.

Cominavam-se, isto é, indicavam-se na lei sanções distintas, conforme a categoria do acusado. Eloquentes exemplos disso são o Livro V, Título XXV, sobre o crime de adultério, das Ordenações Filipinas, que Felipe III de Espanha outorgou a Portugal em 1603: "Mandamos, que o homem, que dormir com mulher casada, e que em fama de casada estiver, morra por elo. Porém, se o adúltero for de maior condição, que o marido dela, assim como, se o tal adúltero fosse Fidalgo, e o marido Cavaleiro, ou Escudeiro, ou o adúltero Cavaleiro, ou Escudeiro, e o

marido peão, não farão as Justiças nele execução, até no-lo fazerem saber, e verem sobre isso nosso mandado”. (GONZAGA, 1993, pagina 27).

Nesse momento, passaram a coexistir três jurisdições penais: a central, exercida pelos juízes do rei; a local, de cidades ou, conforme o país, de regiões mais ou menos extensas; a eclesiástica, restrita às questões que importavam à Igreja. A partir de então, as condenações por crimes de teor sexual, especialmente a sodomia, tornaram-se cada vez mais comuns. Houve-se um grande aumento do combate à nudez e intensa estimulação ao celibato clerical, principalmente devido ao acontecimento de muitos casos irregulares dentro dos próprios mosteiros, formando, assim, um impulso de cunho moralizador e da sociedade e seus habitantes para com as pessoas que se demonstrassem minimamente fora dos padrões, o que acarretou a incidência e o crescimento de casos de perseguições às minorias, como explicita Liebel: "as populações fechavam-se contra os recém-chegados e passavam a suspeitar dos indivíduos que não seguiam um padrão comum de comportamento [...] e, no caso, das bruxas, das prostitutas, mulheres sozinhas e viúvas, entregues a devaneios soturnos." (LIEBEL, 2004).

2.2. O caos da Europa medieval.

Desde o século XIV e durante o século XV, a Europa medieval passou por intensas crises, nos planos econômico, político, e mesmo no pensamento eclesiástico, disseminando o caos e o medo que foi interpretado em um demonstrativo claro do poder do diabo e sua influência maligna no mundo, compactuado com seus servos mortais, as bruxas. É nesse momento que a conotação de demônio e inferno adquiriram sustância como forma de justificar todo o mal que desolava a Europa.

O ápice do crescimento do poder da Igreja deve-se ao crescimento do medo do desconhecido, alimentado por uma sensação de insegurança, que provocou a construção de imagens e teorias sobre aliados do maligno, bruxas como seres compactuados com o diabo e a igreja católica como representante da divindade poderosa que luta bravamente contra os seus adversários seres do mal.

Um fator importante para a concretização desse estado de medo profundo foi a crise de produção que se instalara em diversas regiões, por conta da carência de técnicas de agricultura, que era a base dos camponeses, do maquinário rudimentar e obsoleto disponível e do próprio modelo de esgotamento dos solos, e que levou a um aumento exagerado dos preços dos alimentos, causando um desequilíbrio psicológico e uma população esfomeada, e, que posteriormente deu lugar à depressão econômica (PORTELA, 2012).



Figura 6: Camponeses preparando a terra. (FONTE: FEDERICI, 2004).

Além do caos causado pela fome, a Europa medieval também foi atacada pela peste negra, uma pandemia grave, isto é, a proliferação generalizada de uma doença causada pelo bacilo *Yersinia pestis*, iniciada em 1348, e que se alastrou rapidamente pelo território, provocando uma das maiores quedas populacionais do continente. A proliferação da doença é dada principalmente pela mordida de ratos e pulgas contaminados, ou pela transmissão aérea (FERNANDES, 2017) (SOUSA, 2017).

A peste era chamada de negra pelo fato de um de seus efeitos ter sido o aparecimento de manchas negras na pele das pessoas, fruto das infecções provocadas pelo bacilo. Na peste bubônica, variação da primeira, a bactéria cai direto na corrente sanguínea, ataca o sistema linfático provocando a morte de diversas células, e cria dolorosos inchaços entre as axilas e a virilha, que se espalham pelo corpo todo, chegando ao sistema circulatório. Nesse ponto, o infectado tem uma expectativa de vida de

aproximadamente uma semana. Na variação mais grave de todas, conhecida como peste pneumônica, a bactéria ataca as vias respiratória, levando o infectado à morte em cerca de 2 dias (SOUSA, 2017). Várias obras e pinturas retratam a peste negra na Europa medieval.



Figura 7: “O Triunfo da morte”, obra de Pieter Bruegel, 1562. (FONTE: Disponível em <http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiageral/peste-negra.htm>. Acesso em 12 de dezembro de 2017).

Estima-se que a origem principal da peste negra, que se alastrou como epidemia pelo território europeu ao longo do século XIV, seja asiática, especificamente chinesa. Sua proliferação foi através da colônia genovesa de Caffa, na Criméia, atual Feodossia, território da Ucrânia, região portuária do mar Negro. Comum em regiões da Ásia Central, onde surtos da doença eram endêmicos, corpos infectados da doença haviam sido utilizados por tártaros como arma contra os genoveses, jogados dentro da cidade por sobre as muralhas que circundavam seus limites (LE GOFF, 2010). Muitos marinheiros acabaram doentes, e foi através de seus navios que a doença se espalhou por toda a

Europa, inicialmente pelo porto de Messina, na Sicília italiana. Aproximadamente um quarto da população europeia sucumbiu com a Peste Negra. (SOUSA, 2017).

A Peste Negra também foi representada em obras de arte como “A dança da morte”. As pinturas que retratavam essa concepção apresentavam imagens chocantes de cadáveres e da putrefação do corpo. Nestas pinturas, aparecem sempre esqueletos humanos “dançando” em meio a todo tipo de pessoa, desde senhores e clérigos até artesãos e camponeses evidenciando assim o caráter universal da morte, que atacava qualquer pessoa indiferente da classe social (FERNANDES, 2017).



Figura 8: “A Dança da Morte” representada em mural da Igreja de Santa Maria, Polônia. (FONTE: FERNANDES, 2017).

Essa doença afligiu tanto o corpo, quanto o imaginário e o psicológico da população, que sentiu a mudança dos tempos por meio de uma manifestação física, sendo considerada um castigo divino contra os pecados da sociedade.

A peste negra, que muitas vezes apresentava sinais de perturbações nervosas aos doentes, combinada com outras doenças que incidiram na população, também sem embasamento médico e teórico para o entendimento e busca de um tratamento,

dificultaram mais ainda a situação da Europa, aumentando cada vez mais o pessimismo, a crença no maligno e o medo da morte. Segundo Le Goff , "A aproximação feita pelas pessoas da época entre pestes, guerras e fome e a proximidade do apocalipse, geraram um sentimento de terror" (LE GOFF, 2010).

Esse cenário de caos contribuiu para gerar convicção e confiabilidade para a igreja católica, tornando-a cada vez mais influente nessa sociedade. Segundo Muchembled: "A ameaça do inferno e do diabo aterrador serviu como instrumento de controle social e de vigilância das consciências, incitando à transformação das condutas individuais"(MUCHEMBLED, 2001).

3. As mulheres na transição política.

A relação do feminino com o fim do feudalismo.

A transição do feudalismo para o capitalismo na visão das mulheres é marcada por uma enorme segregação, evidenciada na construção de uma nova ordem patriarcal, baseada na exclusão das mulheres do trabalho assalariado e sua subordinação aos homens, na qual a função feminina se reduz à mera reprodução e, assim, produção de novo trabalhadores (FEDERICI, 2004).

O capitalismo foi uma luta contra o poder antifeudal, que retiraria os benefícios dos senhores feudais, dos mercadores patrícios, dos bispos e papas em relação à camada pobre que começava a se rebelar às restrições de liberdade e aristocracia que lhes eram impostas. Nesse contexto, podemos observar que o movimento antifeudal apresentou o primeiro indicio de um movimento de mulheres contra o padrão pré-estabelecido. Segundo Federici:

“A luta contra o poder feudal produziu também as primeiras tentativas organizadas de desafiar as normas sexuais dominantes e de estabelecer relações mais igualitárias entre mulheres e homens. Combinadas à recusa do trabalho servil e das relações comerciais, estas formas conscientes de transgressão social construíram uma alternativa poderosa não só ao feudalismo, mas também à ordem capitalista que estava substituindo feudalismo, demonstrando que outro mundo era possível, o que nos encoraja a perguntar por que ele não se desenvolveu.” (FEDERICI, 2004, p. 34).

Durante o feudalismo, as terras geralmente eram entregues aos homens e transmitidas através da linhagem masculina e as mulheres eram excluídas dos cargos de maior relevância dentre os camponeses (FEDERICI, 2004). Entretanto, as condutas morais, sexuais e servis dos camponeses eram controladas pelos senhores feudais (donos da terra) e, desta forma, eles possuíam autoridade limitada perante às mulheres.

“Era o senhor que mandava no trabalho e nas relações sociais das mulheres, e decidia, por exemplo, se uma viúva deveria se casar novamente e quem deveria ser seu esposo. Em algumas regiões reivindicavam, inclusive, o direito de *ius primae noctis* – o direito de deitar-se com a esposa do servo na noite de núpcias. A autoridade dos servos homens sobre suas parentas também estava limitada pelo fato de que a terra era entregue geralmente à unidade familiar e as mulheres não somente trabalhavam nela, mas também podiam dispor dos

produtos de seu trabalho e não precisavam depender de seus maridos para se manter. [...] além disso, dado que o trabalho no feudo estava organizado com base na subsistência, a divisão sexual do trabalho era menos pronunciada e exigente que nos estabelecimentos agrícolas capitalistas.” (FEDERICI, 2004, p.39-40).

O trabalho feminino era equivalente ao masculino, as mulheres trabalhavam no campo, além de exercer atividades domésticas e maternas, que nessa época não tinha uma imagem totalmente desvalorizada e nem representavam qualquer tipo de inferioridade, como, posteriormente, foi construído no capitalismo (FEDERICI, 2004).

Com o avanço das revoltas camponesas, a resolução mais importante foi a substituição de serviços por um pagamento em dinheiro, que colocava a relação entre senhor feudal e servo mais parecida com um contrato, acabando praticamente com a servidão. Os camponeses tornaram-se mais independentes e este movimento se difundiu pela Europa, num processo de proletarização (GEMEREK, 1994).

A monetização do trabalho começou a construir classes ao transformar diferenças de rendimentos de trabalhos em diferenças de pagamento. Essa comercialização do trabalho reduziu o acesso das mulheres à renda e a propriedade.

“Nas cidades comerciais italianas, as mulheres perderam o direito a herdar um terço da propriedade de seu marido (*a tertia*). Nas áreas rurais, foram excluídas da posse de terra, especialmente quando eram solteiras ou viúvas. [...] no século XV, constituíam uma alta porcentagem da população das cidades. Aqui, a maioria vivia em condições de pobreza, fazendo trabalhos mal pagos como servas, vendedoras ambulantes, comerciantes, fiandeiras, membros de guildas menores e prostitutas. No entanto, a vida nos centros urbanos, entre a parte mais combativa da população medieval, dava-lhes uma nova autonomia social.” (FEDERICI, 2004, p. 49-50).

Nesse momento, as mulheres exerciam diversos trabalhos, que mais tarde seriam considerados masculinos, como ferreiras, açougueiras, chapeleiras, padeiras e comerciantes, e, à medida que as mulheres conquistavam maior autonomia na sociedade, elas começaram a ter uma presença mais ativa na vida social (FEDERICI, 2004).



Figura 9: Mulheres construindo um muro no século XV. (FONTE: FEDERICI, 2004).

A população mais empobrecida foi responsável pela aparição de movimentos que surgiram nesse contexto. Um desses movimentos foi a heresia popular, que expressou a busca por uma alternativa às relações feudais por parte do proletariado através de seitas hereges, com influência das religiões orientais trazidas por mercadores, e que pregavam a criação de uma sociedade nova com a reinterpretação da tradição religiosa, denunciando hierarquias sociais, propriedade privada e acúmulo de riquezas (FEDERICI, 2004).

O movimento herético acreditava que Deus não falava por meio do clero, devido a seu comportamento ganancioso, que vendia absolvições e indulgências, condenando esse tipo de ação frequente dos membros da igreja católica, algumas vezes por meios violentos. Por outro lado, a igreja aproveitava desse movimento para acusar qualquer forma de insubordinação social e política como heresia (FEDERICI, 2004).



Figura 10: Camponeses enforcando um monge que vendeu indulgências. (FONTE: FEDERICI, 2004).

O movimento herético designou às mulheres uma elevada posição social de direitos igualitários, inclusive de ministrar sacramentos e batismos, praticar pregações e alcançar ordens sacerdotais, contrastando a visão depreciativa da mulher na igreja católica (VOLPE, 1975). Desta forma, a mulher que desde muito tempo já havia uma conotação de poder sexual pecaminoso declarado e censurado pela igreja, através da transformação da sexualidade feminina como um objeto de vergonha anticristão e provocado pelo diabo, desfrutaram de uma maior liberdade sexual.

A partir de então, os inquisidores começaram a relatar também a existência de uma seita de adoradores do diabo, os luciferianos, momento que marcou a transição gradativa da perseguição católica à heresia para a perseguição às mulheres invocadoras da sexualidade diabólica e, assim, a figura do herege ficou cada vez mais associada à mulher, tornando-se o principal alvo de perseguição da inquisição e adquirindo a definição de “bruxa” (FEDERICI, 2004).

4. A mulher como o maligno.

A origem da visão da mulher como representante do mal apresentada pela a igreja católica.

Apesar dos evangelhos de Tomé, Filipe e de Maria, desenterrados com outros escritos gnósticos no Egito em 1945 e que ficaram conhecidos como a Biblioteca de Nag Hamadi, atribuírem uma imagem de destaque à mulher nas mensagens de Cristo, especialmente Maria Madalena, a época da redação final do novo testamento, que foi marcada por censura e reducionismo patriarcal, inicia vagarosamente o processo de depreciação da mulher que mais tarde originaria a inquisição (HARPER, ROW, 1981).

Alguns trechos dos Evangelhos de Filipe e Maria revelam falas e relatos grande apreço de Jesus por Maria:

"Maria chorou e disse a Pedro: - Pedro, meu irmão, o que ‘pensas? Acreditas por acaso que inventei essas histórias em meu coração e minto sobre o Salvador? - Levi respondeu a Pedro: - Pedro, você sempre foi impetuoso. Agora vejo você atacando a mulher como a um adversário. Mas se o Salvador a valorizou, quem é você para rejeitá-la? Certamente, o Salvador a conhece muito bem. Por isso é que ele a amou mais do que a nós." (HARPER, ROW, 1981, O Evangelho de Maria.)

Essa visão positiva da mulher chega ao fim com inserção da personagem Eva, primeira mulher criada que foi seduzida pelo diabo e induzida a desobedecer à ordem divina que a proibia de comer o fruto da árvore do conhecimento, o fruto proibido (MARTINS, 2008). Eva não somente pecou, como induziu Adão, primeiro homem, completamente puro, a praticar o ato pecaminoso, sendo seu cúmplice. Segundo trecho de Genesis:

“A serpente era o mais astuto de todos os animais dos campos que o senhor Deus tinha formado, ela disse à mulher: É verdade que Deus vos proibiu comer do fruto de toda a árvore do jardim? A mulher respondeu – lhe : Podemos comer dos fruto das arvores do jardim, mas do fruto da árvore que está no meio do jardim, Deus disse: Vós não comereis dele, nem o tocareis, para que não morrais. – Oh, não! – tornou a serpente – vós não morrereis! Mas Deus bem sabe que, no dia em que dele comerdes, vossos olhos se abrirão, e sereis como deuses, conhecedores do bem e do mal. A mulher, vendo que o fruto da árvore

era bom para comer, de agradável aspecto e mui apropriado para abrir a inteligência, tomou dele, comeu, e o apresentou também ao seu marido, que comeu igualmente. ” (Gênesis Cap. 3;1,6)

A expulsão de Eva, a primeira mulher criada a partir da costela do homem, do paraíso, demonstra uma concepção de que a mulher representa o lado pecaminoso do homem. Ao longo da história a mulher após comer o fruto proibido é amaldiçoada e discriminada pela igreja católica.



Figura 11: Michelangelo, O pecado original e a expulsão do paraíso. (FONTE: MARTINS, 2008).

Os castigos e maldições lançados sobre as gerações futuras devido à atitude desobediente de Eva foram usados como argumento para justificar o poder do homem sobre a mulher, assim, desde o momento de seu nascimento, a mulher se enxerga de forma inferior ao homem (MARTINS, 2008). Nesse momento, inicia-se a construção da figura feminina na visão da igreja católica como um ser mais fraco, menos inteligente e menos capaz e, conseqüentemente, mais propícia à sedução do diabo.

5. O mito da Bruxaria.

Análise psicológica da construção do mito das bruxas.

A época conhecida como caça às bruxas coincide-se com o renascimento europeu, movimento baseado no racionalismo, na experimentação e pela tradução e divulgação das obras clássicas gregas e persas. Os Renascentistas eram convictos que tudo poderia ser explicado pela razão e pela ciência através de experimentos e comprovações. Esse movimento proporcionou um desenvolvimento de uma civilização industrial na Europa e a proliferação da busca do conhecimento científico. Contudo, essa civilização percebe uma falta de valores para estimular seu desenvolvimento, levando ao retorno às ideologias míticas, principalmente de cunho cristão (BYINGTON, 1982).

A ideologia cristã se baseia principalmente nos dez mandamentos, sendo o mais abrangente o seguinte:

“Amarás, pois, o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força... Amarás o próximo como a ti mesmo.” (MATEUS, 22:37-39)

Esse mandamento promove o amor universal dos seguidores do cristianismo para com todos os outros seres humanos existentes, pregando como base da ideologia cristã o sentimento de altruísmo e solidariedade. Porém, esse pensamento foi totalmente deformado no período da santa inquisição, que se julgava divina e purificadora, projetando ódio e desamor de forma alienadora contra os supostos hereges, que sofriam torturas e assassinatos brutais (BYINGTON, 1982).

A inquisição não só não compactuava toda base pró amor e humanista do pensamento cristão, mas também o usava como justificativa para cometer seus crimes. Segundo Byington:

"Junto com a projeção psicótica, a inquisição apresentava uma patologia coletiva do caráter (psicopática) através da qual distorcia o pensamento dos maiores santos e doutores da igreja, como por exemplo, Santo Agostinho e Santo Tomás de Aquino, para racionalizar sua própria conduta patológica, motivada inconscientemente pelas deformações psicológicas oriundas de séculos de repressão." (BYINGTON, 1982, p. 4)

Essa conduta antagônica se instala a partir da distorção dos símbolos cristãos com o decorrer do tempo e a relação com o contexto histórico. A forma que os símbolos são lidados na consciência humanas depende da organização dos arquétipos, matrizes do funcionamento dos símbolos que expressam a normalidade e a patologia, ao mostrar como o Eu se relaciona com o Outro (BYINGTON, 1987). Vários são os arquétipos que constroem um simbolismo, mas, segundo Byington, em especial o arquétipo de Herói é bastante evidente na construção do simbolismo cristão:

"O arquétipo de herói coordena uma série de símbolos de forma característica para expressar a realização de grandes feitos. A vida dos profetas, e dentre eles Jesus, expressou muitos feitos que são símbolos desse arquétipo." (BYINGTON, 1982, p. 4)

A Santa Inquisição protegia a igreja e, principalmente, Jesus Cristo, que com esse arquétipo, teve sua imagem messiânica e heroica construída. Para garantir essa proteção, a inquisição usou como meio de manipulação o questionamento psicológico e o exame de consciência dos fiéis devido à subjetividade do significado de "pecado" e "salvação" (BYINGTON, 1982).

"O Cristianismo é uma religião baseada na salvação pelo amor. Mas na salvação do quê? Na salvação da alma afastada de Deus pelo pecado. Mas o que é pecado? É estar afastado do amor de Deus em pensamento ou ação. Esse estar com Deus precisa, então ser construído permanentemente. A própria inconsciência tem afinidade com o pecado, como ilustra o pecado original portado pelos recém-nascidos. A diferenciação permanente da consciência individual e coletiva é, pois, inseparável da busca cristã por salvação." (BYINGTON, 1982, p. 10)

Desta forma, iniciou-se um grande crescimento de repressões às heresias, que acompanhou a ambição do poder temporal e a centralização e unificação dogmática do cristianismo. A partir disso, com a ascensão de um livro que continha uma bula papal, sua proliferação foi muito mais abrangente, fazendo com que o *Malleus Maleficarum* tivesse uma grande aceitação e confiabilidade dos fiéis. Byington afirma que esse contexto combinado com o conceito de sombra de Jung, isto é, atuação inconsciente de partes simbólicas, geralmente de difícil aceitação moral, que explica que as sombras patológicas de cristo e da igreja construíram os símbolos de bruxas e demônios

implantado no mito cristão, foram de suma importância para o sucesso do *Malleus Maleficarum* na Europa medieval (BYINGTON, 1982).

6. *O Malleus Maleficarum*

Análise do livro usado para a caça às bruxas.

O *Malleus Maleficarum*, em português O Martelo das Feiticeiras, ou das Bruxas, foi o livro usado pelos inquisidores para identificar, torturar e matar as bruxas por aproximadamente duzentos e cinquenta anos. O livro foi escrito pelos teólogos Jacob Sprenger e Heinrich Kramer em 1484.

6.1 A Bula Papal.

O livro contém uma bula escrita pelo Papa Inocêncio VIII, que afirma ciente dos atos demoníacos e de bruxaria que vem acontecendo e concede o poder de ação dos inquisidores para evitarem o mal de se alastrar, sendo que qualquer pessoa que venha a impedir ou dificultar os inquisidores, deverão ser ameaçados com a excomunhão, suspensão e interdição. Essa “permissão” oferecida pela igreja, apresentada junto com o *Malleus Maleficarum*, deu muito mais credibilidade para que as pessoas o adotassem como o “manual do inquisidor”, apesar do livro não ser mencionado ou “autorizado”¹.

6.2 Parte um.

A primeira parte do livro se inicia com a seguinte frase: “Se crer em bruxaria é tão essencial à fé católica que sustentar obstinadamente opinião contrária há de ter vivo o sabor da heresia” (KRAMER, SPRENGER, 2004, p. 49). A partir dessa citação, o livro inicia-se discutindo várias definições e teorias sobre as bruxas e demônios que foram propostas, afirmando que as bruxas, essencialmente mulheres, têm conexão direta com o mal, sendo elas servas do diabo através de pactos que as proporcionam habilidades maléficas para fazerem feitiços e maldades. Contudo, tudo acontece com a permissão de Deus, detentor do poder maior. Assim, defende-se que quem desacredita da existência de bruxaria, está seguindo o ensinamento católico de forma equivocada.

¹ Anexo: Bula Papal *Summis desiderantes affectibus* traduzida em português.

“Pois as leis divinas determinam em muitas passagens, que as bruxas não só devem ser evitadas, mas também condenadas à morte, embora só devam receber essa punição extrema se tiverem de fato pactuado com o diabo a fim de causar males e injustiças verdadeiros. ” (KRAMER, SPRENGER, 2004, p. 52).

Os autores justificam a crença em bruxas com inúmeras citações católicas, como trechos do Levítico, terceiro livro da Bíblia hebraica e do Antigo Testamento cristão, e do Deuterônômio, a primeira seção da Bíblia hebraica e parte do Antigo Testamento da Bíblia cristã, que afirmam a existência de magos e bruxos e estimulam a perseguição dos mesmos, tratando como um pecado contradizer tais fontes católicas confiáveis.

“Pois, qualquer homem que erra gravemente na interpretação das Sagradas Escrituras é corretamente considerado herege. E quem quer que pense de outra forma a respeito de assuntos pertinentes à fé que não de modo defendido pela Santa Igreja Romana é herege. Eis a verdadeira Fé!” (KRAMER, SPRENGER, 2004, p. 53).

Tanto as bruxarias quanto meras adivinhações são condenadas pelo livro, sendo que qualquer pessoa pode se dizer testemunha de um desses atos, e então servir como prova para que o inquisidor tenha direito por lei de realizar inúmeras e “merecidas” torturas no acusado e condená-lo à morte.

“Por que bruxaria é alta traição contra a majestade de Deus. E assim os acusados devem ser torturados para que confessem o seu crime. Qualquer pessoa, de qualquer classe, posição ou condição social, sob acusação dessa natureza, pode ser submetida a tortura, e a que for considerada culpada, mesmo tendo confessado seu crime, há de ser suplicada, há de sofrer todas as outras torturas prescritas pela lei, a fim que seja punida na proporção de suas ofensas. ” (KRAMER, SPRENGER, 2004, p. 55).

O teor misógino do livro é percebido desde o início com várias frases de repúdio às mulheres. O fato da maioria dos acusados de bruxaria serem do gênero feminino é constantemente enfatizado nas palavras de Kramer e Sprenger, como, por exemplo, com o uso de vários relatos de que muitas vezes as mulheres bruxas enfeitiçavam homens, tornando-os impotentes e destruindo casamentos. Além disso,

fatores como doenças, mortes, oferendas de recém-nascidos ao demônio, estrago de plantações, abortos, loucura e histeria são alguns dos muitos outros males que são designados à obra de bruxaria pelo livro.



Figura 12: Bruxas assando crianças. Do *Compendium Maleficarum*, 1608, de Francesco Maria Guazzo. (FONTE: FEDERICI, 2004).

A concepção das mulheres denominadas bruxas serem capazes de conduzir feitos de bruxaria contra os homens, e, principalmente contra seus órgãos genitais, é afirmada várias vezes, instigando o medo dos homens, que até então apresentavam uma postura abusiva de poder e autoridade perante às mulheres. A impotência física provocada pela magia das bruxas, naquele regime patriarcal, era equivalente à impotência moral, aumentando assim o ódio, repúdio e a perseguição dos homens para com as bruxas.

“Não há dúvidas de que certas bruxas são capazes de operar coisas prodigiosas nos órgãos masculinos, enunciando coerente com o que é visto e ouvido por muitos, e com o que se percebe em relação ao membro em função dos sentidos da visão e do tato.” (KRAMER, SPRENGER, 2004, p. 142).

A preferência do controle exercido pelo diabo às mulheres é constantemente justificada pela sexualidade, característica unicamente pertencente ao sexo feminino. Segundo Kramer e Sprenger:

" a razão natural está em que a mulher é mais carnal do que o homem, o que se evidencia pelas suas muitas abominações carnis. E convém reconhecer que houve uma falha na formação da primeira

mulher, por ter sido ela criada a partir de uma costela recurva [...] contrária a retidão do homem [...] em virtude dessa falha, a mulher é animal imperfeito, sempre decepciona e mente" (KRAMER, SPRENGER, 2004, p. 116).

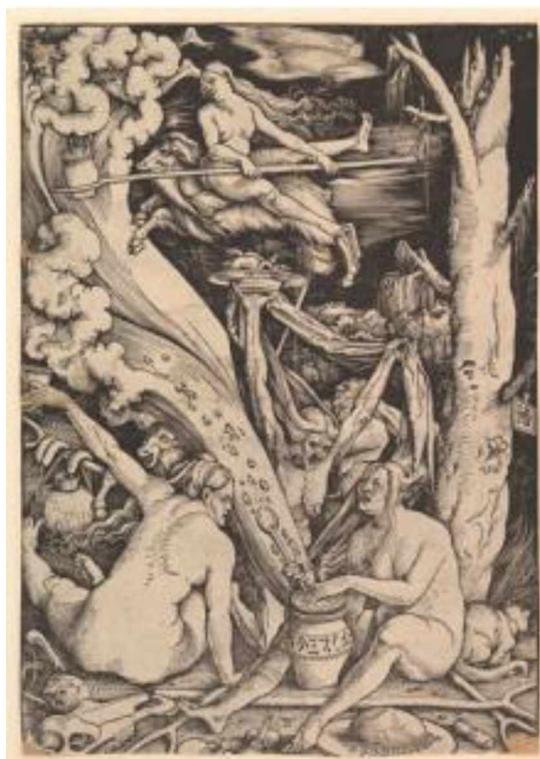


Figura 13: O sabá das bruxas pelo artista alemão Hans Baldung Grien, explorando pomograficamente o corpo feminino e exaltando o conceito de sexualidade atrelado à bruxaria. (FONTE: FEDERICI, 2004).

Outra característica marcante do perfil de “bruxa” descrito por Kramer e Sprenger é a pobreza. Sendo assim, as mulheres pobres, que mendigavam ou roubavam leite e alimentos das casas de seus vizinhos, ou viviam de assistência pública, se tornavam suspeitas perfeitas.

“As Bruxas não ficam ricas porque os demônios gostam de mostrar o seu desprezo pelo Criador, comprando as bruxas pelo preço mais baixo possível. E também para que não se exponham pelas suas riquezas.” (KRAMER, SPRENGER, 2004, p. 193).

A figura diabólica é construída como uma espécie de entidade que se alimenta do prazer e da tentação, copulando com suas servas e fornecendo-as, assim, poderes sobrenaturais e malignos.



Figura 14: O Diabo seduz uma mulher a fim de fazer um pacto. De De Lamias (1489), de Ulrich Monitor. (FONTE: KRAMER E SPRENGER, 2004).

6.3. Parte dois.

Após uma série de explicações sobre a existência das bruxas, a segunda parte do livro aborda os métodos malignos adotados pelas bruxas e como podem ser curados. O incentivo à igreja católica e às práticas cristãs é notável, pois somente os devotos à Deus estão imunes ou protegidos das maldades do demônio e das bruxas, dando uma ênfase especial aos inquisidores e exorcistas.

“Há três classes de homens abençoados por Deus, a quem essa abominável raça não tem o poder de injuriar com suas bruxarias. Na primeira estão os que administram a justiça pública contra suas obras e as levam a julgamento pelos seus crimes. Na segunda estão os que, de acordo com rituais tradicionais e santos da igreja, fazem o uso lícito dos

poderes e das virtudes que a igreja lhes concede, no exorcismo das bruxas: pela aspersão de água benta, pela ingestão do sal sagrado, pela condução das velas bentas no dia da Purificação de Nossa Senhora e das folhas de palma no Domingo de Ramos. E os homens que assim agem veem diminuídos os poderes do Demônio. Na terceira categoria estão os que são de vários modos abençoados pelos anjos do Senhor. ” (KRAMER, SPRENGER, 2004, p. 198).

Essa parte do livro também explica o modo que os pactos são feitos, sendo o principal detalhe, o juramento sacrílego, que pode ser feito em forma de uma cerimônia solene ou apenas ao diabo qualquer hora ou ocasião. A aparição do diabo ocorre sempre que alguma pessoa é atingida por alguma aflição corpórea ou temporal, e assim, ele as oferece longevidade e prosperidade mundana. Entretanto o diabo só protege seus devotos da verdade divina, quando acredita na fidelidade de seu servo, caso contrário ele fica desamparado e não resiste as torturas física, confessando seu crime. Parte-se do pressuposto que quaisquer que forem os condenados por bruxaria, sempre serão realmente culpados, uma vez que Deus não permite que inocentes, sob proteção angelical, sejam considerados de crimes menores, logo há de preservar e proteger seus fiéis inocentes que por acaso estiverem sendo alvos da suspeita do crime de bruxaria.

A habilidade de voar e se transportar para outros lugares é compreendida por influência dos poderes do demônio, as vezes com auxílio de algum meio ou objeto ritualístico, como por exemplo, membros de crianças. As bruxas também, segundo Kramer e Spreger, auxiliam a possessão de demônios em homens, transforma-os em bestas e são capazes de infligir qualquer tipo de doença ou enfermidade, sem qualquer exceção, podendo levar a vítima à morte.

A igreja apoia e incita o uso de diversos “remédios” para combater os feitiços proclamado por uma bruxa, tais como a confissão sincera de todos os pecados, o uso em abundância do sinal da cruz, o casamento (no caso de feitiços contra a virilidade do homem), orações, invocação do anjo da guarda, o exorcismo lícito e até mesmo a aproximação prudente da bruxa que perpetrou o mal. Sendo que o uso de atos de bruxaria contra uma bruxaria, somente permito caso nenhum dos remédios da igreja fossem eficazes.

6.4. Parte três.

Essa parte do livro aborda os aspectos gerais para compor um julgamento da santa inquisição. Fatores como o juramento solene, o número de testemunhas, com dar início ao processo, como prosseguir no interrogatório, procedimentos posteriores à prisão da acusada, que tipo de defesa é permitida, procedimentos adotados pelo advogado e métodos de tortura.

Pelos meios de tortura, que são medidos em níveis de violência de acordo com a gravidade do crime da acusada, são especificados os sinais pelos quais os juízes são capazes de identificar uma bruxa, como por exemplo, se a mulher é “capaz de soltar lágrimas” na presença do juiz ou durante a tortura. “Se for de fato, uma bruxa não vai chorar, não obstante assuma um aspecto choroso, ou molhe as bochechas e olhos com saliva para dar a impressão de lacrimejamento.” (KRAMER, SPRENGER, 2004, p. 435).

Desta forma, chega ao fim o *Malleus Maleficarum*, que em suas páginas finais, consta um “certificado de aprovação do *Malleus Maleficarum* pela Faculdade de Teologia da Universidade de Colônia, que comprova a validade e a veracidade da obra de Kramer e Sprenger, afirmando que o livro foi escrito a partir de muita pesquisa e trabalho e deve ser aplicado para a identificação e punição das devidas bruxas.

7. As três principais moléculas da bruxaria.

A química das substâncias usadas nos feitiços.

Dentre as práticas mais condenadas das supostas bruxas, estão o uso de substâncias que constavam alcaloides em diferentes proporções. O uso dessas substâncias químicas era feito em forma de óleos e pomadas, chamados “unguentos de voo”, os quais supostamente as faziam voar (COUTEUR, BURRESON, 2006). Os principais componentes desses unguentos eram extraídos das plantas Mandrágora, Beladona e Meimandro, ambas pertencentes da família Solanaceae.

A Beladona é uma planta extremamente tóxica de caule ramificado e flores campanuladas que dão origem a pequenas bagas de cor negra. O nome *Atropa belladonna* foi denominado pelo botânico Lineu em 1754 (MISSOURI BOTANICAL GARDEN, 2017). O nome “belladonna” provém do uso da planta pelas mulheres italianas para dilatarem a pupila como atrativo visual, que significa “bela mulher”. Já “*Atropa*”, origina-se de Átropos, umas das três irmãs moiras da mitologia grega que definiam o destino tanto dos deuses quanto dos seres humanos, através da fabricação, tecimento e do corte do fio da vida. Átropos era responsável pelo corte do fio, isto é, a morte, que foi relacionado à planta devido ao seu uso nos tempos do Império Romano e na idade média como um arbusto venenoso usados para gerar intoxicações mal definidas e prolongadas, induzindo um sono semelhantes à morte. É provavelmente o veneno tomado por Julieta na peça Romeu e Julieta de Shakespeare, para forjar a morte de Julieta, descrito por proporcionar uma “tétrica aparência de morte” (COUTEUR, BURRESON, 2006) (BRUNTON, LAZO, PARKER, 2012).

“Leve este frasco e, ao deitar-se para dormir, beba tudo! Você vai sentir um fluido frio e sonolento correr por suas veias... A respiração diminuirá, o pulso deixará de bater. Nada poderá atestar que você está viva: o rosto e os lábios ficarão pálidos como cinza; os olhos se fecharão como janelas, quando a morte apaga a luz da vida; os membros ficarão rígidos e frios como os de um morto. Quarenta e duas horas vai durar essa tétrica aparência de morte” (SHAKESPEARE, 1997, p. 93).



Figura 15: representação das três irmãs Moiras. (FONTE: Disponível em <<http://theinfluence.org/wp-content/uploads/2016/10/parcae.jpg>>. Acesso em 12 de dezembro de 2017).

A Mandrágora, *Mandrágora officinarum*, é uma planta nativa da região mediterrânea que apresenta uma raiz ramificada, parecendo com uma figura humana, gerando assim várias superstições. Além de usada como unguentos, também foi usada para recuperar a vitalidade e combater a esterilidade (COUTEUR, BURRESON, 2006). É citada na bíblia na passagem em que Raquel disputa com sua irmã Lia as Mandrágoras encontradas por Rubens, a qual utilizou para combater sua esterilidade (BÍBLIA SAGRADA, 1988).



Figura 16: Representação da mandrágora. (FONTE: Disponível em <<https://www.infoescola.com/plantas/mandragora/>> Acesso em 12 de dezembro de 2017).

Desde muito tempo a Mandrágora foi associada à bruxaria, na mitologia grega, era chamada a raiz da loucura, usada pela bruxa Circe, que transformava homens

em animais pela sua magia, também era conhecida como a erva de Hécate, a perigosa deusa da magia e senhora do submundo e dos demônios (WHITMONT, 1989).



Figura 17: Representação de uma bruxa com uma imagem humanizada da mandrágora sob a luz da lua. Obra de Henry Fuseli, 1812. (FONTE: Disponível em< <https://i.pinimg.com/originals/b6/b1/bd/b6b1bde0ade9b35200860789d7d9232a.jpg>> Acesso em 12 de dezembro de 2017).

Haviam vários misticismos e crenças sobre os rituais de coleta da mandrágora. A lenda mais conhecida era que a planta emitia gritos quando era arrancada da terra, e era capaz de enlouquecer quem a arrancasse, também descrita na obra *Romeu e Julieta* de Shakespeare: "... com cheiros repugnantes e guinchos como mandrágoras arrancadas da terra que mortais ouvindo-os, enlouquecem" (SHAKESPEARE, 1997, p. 98). Também era dito que uma das maneiras de a arrancar era prender a raiz na coleira de um cão e açoitar o animal, que ao tentar fugir, conseguia arrancar a raiz da terra e caía morto (MARTINEZ, ALMEIDA, PINTO, 2009).



Figura 18: Coleta da mandrágora. (FONTE: MARTINEZ, ALMEIDA, PINTO, 2009).

O Meimendro, sendo a espécie mais comum a *Hyoscyamus niger*, é uma planta robusta e odor desagradável, com folhas grandes de cor verde pálido e flores de cor amarela com cor violeta ou acastanhadas na sua base. Foi utilizado como afrodisíaco, conhecido como o principal componente dos "filtros de amor" medievais, que eram usados como uma forma de poção para combater as leviandades dos maridos ou como uma “terapêutica amorosa” (READERS DIGEST, 1997), citado na história lendária de Tristão e Isolda, em que a poção mágica tem decisiva importância na trama que leva a heroína aos braços do herói.

Também teve branda aplicação como soporífero e anestésico, tendo registros como o Papiro de Ebers com escrita hieroglífica, deixado pelos antigos egípcios, indicam que esta planta era usada em poções medicamentosas cerca de 1500 anos a.C para aliviar a dor e induzir estado de total inconsciência (COUTEUR, BURRESON, 2006). Todavia, o meimendro possuía propriedades venenosas conhecidas, sendo citado na literatura de Shakespeare, como um “destilado venenoso” no momento em que Hamlet ouve o fantasma do pai (SHAKESPERE, 2002).



Figura 19: Tristão, Isolda e a poção mágica. (FONTE: Disponível em <
<http://paulorogeriadamotta.com.br/wp-content/uploads/2016/06/O-poder-do-amor-em-Trist%C3%A3o-e-Isolda.jpg>> Acesso em 12 de dezembro de 2017).

Essas três plantas se assemelham por apresentar os alcaloides hiosciamina e hioscina. Os alcaloides são compostos derivados das aminas, encontrados e extraídos principalmente de plantas, porém podem ser encontrados em alguns fungos e animais ou sintetizados em laboratório.

A atropina consiste na mistura racêmica de (+)-hiosciamina e (-)-hiosciamina, formada durante o processo de extração, sendo que os efeitos anticolinérgicos se devem praticamente à forma (-)-hiosciamina. A mistura racêmica de (+)-hioscina e (-)-hioscina é chamada de atoscina, sendo a escopolamina correspondente à (-)-hioscina que é muito mais ativa que a (+)-hioscina. Estes alcaloides possuem efeitos psicoativos alucinógenos, caracterizados por um estado de embriaguez, seguido de um sono profundo acompanhado de amnésia (BRUNTON, LAZO, PARKER, 2012). Causam delírios e, ao que parece, a sensação de levitação, fato que explica as viagens fantasiosas das supostas bruxas.

A atropina e a escopolamina são ésteres formados pela combinação de um ácido aromático (ácido trópico) e bases orgânicas complexas, tropina ou escopina, que se diferem uma da outra apenas pela presença de uma ligação de hidrogênio entre os átomos de carbonos 6 e 7.

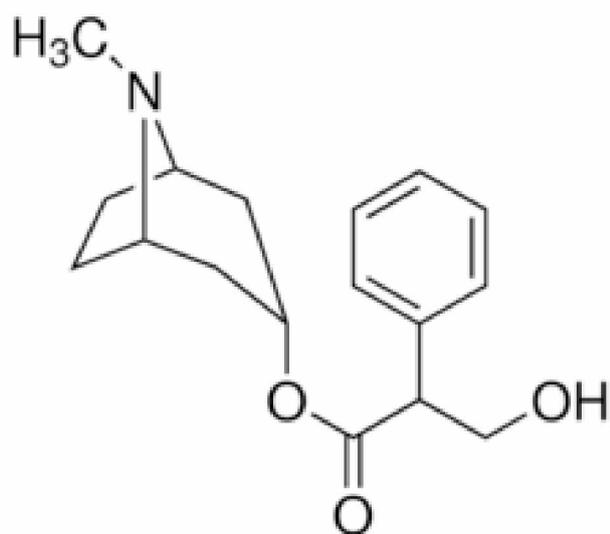


Figura 20: Estrutura molecular Atropina. FONTE: (Disponível em <
https://www.sigmaaldrich.com/content/dam/sigmaaldrich/structure6/082/mfed00022622.eps/_jcr_content/renditions/mfed00022622-medium.png>. Acesso em 12 de dezembro de 2017).

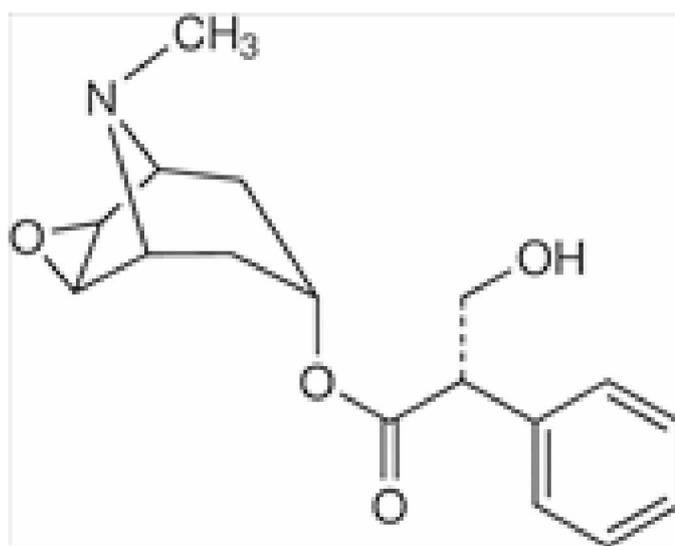


Figura 21: Estrutura molecular da escopolamina. (FONTE: Disponível em <
<https://www.medicinescomplete.com/mc/rem/2012/CLK0865C001.png>>. Acesso em 12 de dezembro de 2017).

Ambas se comportam como antagonistas dos receptores muscarínicos, isto é, são compostos químicos que se ligam a esse receptor sem ativá-lo. Essas moléculas

evitam os efeitos da acetilcolina, por meio do bloqueio da sua ligação aos receptores colinérgicos, proteína integral de membrana que gera uma resposta a partir de uma molécula de acetilcolina, nos locais neuroefetores dos músculos lisos e cardíacos, nos gânglios periféricos (acúmulos de neurônios localizados fora do sistema nervoso central) e no sistema nervoso central. Em doses altas os efeitos centrais causados consistem na estimulação do sistema nervoso central, seguida de depressão (BRUNTON, LAZO, PARKER, 2012).

Os receptores muscarínicos são receptores biológicos que podem ser conceituados como proteínas intrínsecas inseridas na estrutura das biomembranas. Eles reconhecem de maneira específica grande variedade de moléculas (ligantes) para desencadear uma resposta fisiológica. São possuidores de regiões ou sítios extracelular, transmembrana e um domínio intracelular (citoplasmático) (ROBERTS et al, 2002). São receptores do tipo metabotrópico, onde o ligante abre um canal iônico indiretamente e usa a presença de um segundo mensageiro para modificar a resposta celular de uma maneira mais demorada. O segundo mensageiro denominado proteína G é uma molécula complexa que funciona como um transdutor de sinais. Receptores muscarínicos existem em muitos tipos de células e participam da sinalização celular ativados pelo ligante acetilcolina.

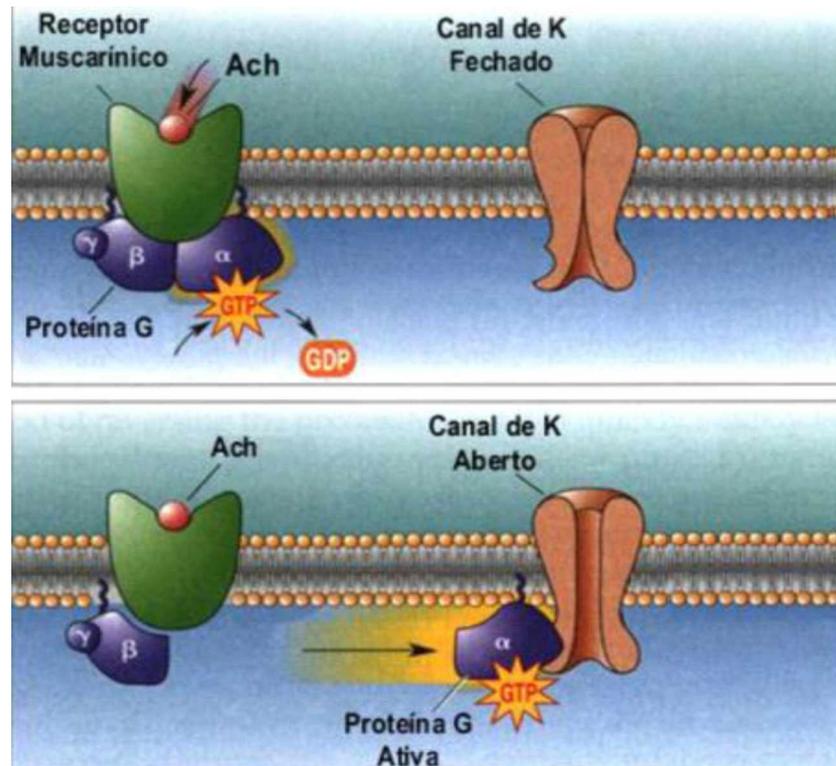


Figura 22: Ilustração dos mecanismos de ação dos receptores colinérgicos muscarínicos, nos quais os neurotransmissores agem nos receptores metabotrópicos regulando canais iônicos indiretamente (molécula efetora) através da ativação da proteína G. No exemplo, o receptor muscarínico regula a abertura do canal de potássio através da subunidade alfa da proteína G. (FONTE: ROBERTS et al 2002).

A acetilcolina é uma amina produzida no citoplasma das terminações nervosas. Sua precursora é uma vitamina pertencente ao complexo B, a colina é obtida a partir da alimentação ou da própria degradação da acetilcolina por uma enzima específica (acetilcolinesterase), sendo então sequestrada para o interior do neurônio a partir do líquido extracelular. Presente principalmente no sistema nervoso central, é o neurotransmissor mais abundante do nosso sistema. No sistema nervoso periférico, a acetilcolina pode auxiliar nas contrações cardíacas e nos músculos (GOODMAN, GILMAN, 1996)

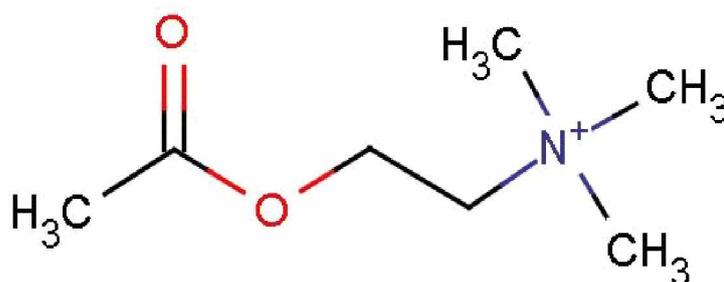


Figura 23: Estrutura da acetilcolina. (FONTE: Disponível em <<http://cdn.portalsaofrancisco.com.br/wp-content/uploads/2015/11/aacetil17.jpg>>. Acesso em 12 de dezembro de 2017).

O ácido livre ou o álcool não produzem atividade antimuscarínica significativa, sendo assim, a integridade do éster trópico e a existência do grupo OH livre na porção acíclica do éster são essenciais para a atividade da molécula. A atropina e escopolamina competem com a acetilcolina e outros antagonistas muscarínicos por um local de ligação comum entre eles. O suposto local de ligação competitiva entre os antagonistas e a acetilcolina está provavelmente na fenda formada por várias das sete hélices transmembranas do receptor. O ácido aspártico presente na porção N-terminal da terceira hélice dos cinco subtipos de receptores muscaríneos forma uma ponte iônica com o nitrogênio catiônico da acetilcolina e com o nitrogênio terciário ou quaternário dos antagonistas. O ácido aspártico é um dos aminoácidos codificados pelo código genético, é, portanto, um dos componentes das proteínas dos seres vivos (BRUNTON, LAZO, PARKER, 2012).

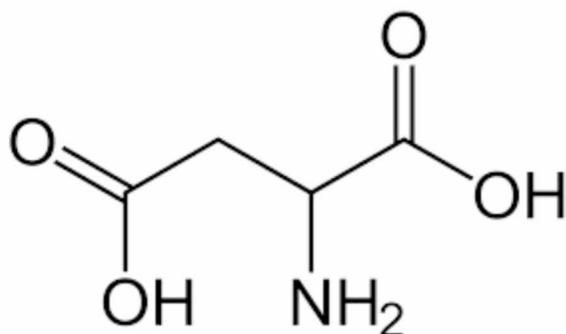


Figura 24: estrutura do ácido aspártico. (FONTE: Disponível em <<https://www.fotosantesedepois.com/wp-content/uploads/2012/08/ESTRUTURA-DO-%C3%81CIDO-ASP%C3%81RTICO.png>>. Acesso em 12 de dezembro de 2017).

Como o antagonismo pela atropina e escopolamina é competitivo, ele pode ser revertido com o aumento da concentração de acetilcolina nos locais receptores do órgão efector, que são os órgãos que recebem o estímulo do sistema nervoso. A escopolamina produz efeitos fortes no sistema nervoso central em doses terapêuticas baixas, enquanto a atropina necessita de uma dosagem maior, devido à ampla penetração da escopolamina através da barreira hematoencefálica, estrutura de permeabilidade altamente seletiva que protege o Sistema Nervoso Central (SNC) de substâncias potencialmente neurotóxicas presentes no sangue e sendo essencial para função metabólica normal do cérebro. A barreira é formada por células endoteliais estreitamente unidas com o apoio de uma membrana basal (BRUNTON, LAZO, PARKER, 2012).

Os efeitos da atropina e da escopolamina são bem semelhantes, porém com dosagens diferentes. No sistema nervoso central, em doses terapêuticas, (0,5 a 1 mg), a atropina causa uma excitação vagal suave devido à estimulação do bulbo e dos centros cerebrais mais altos. Com o aumento da dosagem, a excitação central se torna bem mais evidente e causa agitação, irritabilidade, desorientação, alucinações ou delírios. Com um aumento mais agressivo da dosagem, observa-se uma estimulação seguida de depressão com colapso circulatório e insuficiência respiratória, depois de um intervalo de paralisia e coma (BRUNTON, LAZO, PARKER, 2012).

A escopolamina, em dosagem terapêutica, apresenta sintomas de depressão do sistema nervoso central, como sonolência, fadiga, e sono sem sonhos com redução do período de movimentos oculares rápidos (REM). Essa dosagem também pode causar euforia, efeito semelhante ao observado com dosagens tóxicas de atropina (BRUNTON, LAZO, PARKER, 2012).

No coração, o efeito principal da atropina é a alteração da frequência cardíaca, embora a resposta predominantemente observada em doses mais altas seja a taquicardia, com doses consideradas clínicas (0,4 a 0,6 mg) a frequência cardíaca diminui transitoriamente. Já a escopolamina em baixa dosagem (0,1 a 0,2 mg) causa a também a redução da frequência cardíaca, mais facilmente observada do que com a atropina. Com alta dosagem observa-se uma desaceleração transitória (BRUNTON, LAZO, PARKER, 2012).

Essa sensação de excitação era almejada pelas bruxas ao manusear a belladona, meimendo e mandrágora para a produção dos unguentos de voo com os alcaloides atropina e escopolamina, as chamadas bruxas, eram na verdade detentoras de conhecimentos fitoterápicos e provavelmente sabiam que a ingestão dessas plantas poderia causar a morte, logo os unguentos eram aplicados na pele, sendo absorvidas por liberação transdérmica. Várias imagens e representações das bruxas da época retratam esses estados eufóricos dançando em volta de caldeirões e os momentos de aplicação dos unguentos na pele.



Figura 25: Representação das bruxas em estado de euforia. (FONTE: Disponível em <https://www.magnapolonia.org/wp-content/uploads/2017/05/545eff2ad2cad0986cbf8e793e393972.jpg> Acesso em 12 de dezembro de 2017).

Segundo alguns relatos, os unguentos eram aplicados ao longo de cabos de vassoura, no quais as bruxas montavam e esfregavam as membranas genitais, sabendo que assim a absorção dos alcaloides seria mais eficiente devido à pele mais fina e a presença de diversos vasos sanguíneos abaixo da superfície (COUTEUR, BURRESON, 2006). Supõe-se que devidos aos efeitos alucinógenos as bruxas tinham a impressão de estarem realmente voando nas vassouras, assim muitas imagens de bruxas foram representadas como mulheres nuas ou seminuas montadas em cabos de vassouras.



Figura 26: Representação medieval de uma bruxa “voando” em uma vassoura.
(FONTE: Disponível em <https://historiablog.files.wordpress.com/2016/07/bruxa-de-schleswig.jpg>>. Acesso em 12 de dezembro de 2017).

8. A caça às bruxas e a ciência moderna.

O fim da perseguição pelo início do racionalismo.

Historicamente, a bruxa era a parteira, a medica, a curandeira ou a adivinha do vilarejo. Com a intensa perseguição, essas mulheres foram desapossadas de um saber empírico sobre substâncias químicas, ervas medicinais, plantas, remédios, curativos e outros, que haviam sido acumulados e transmitidos de geração para geração durante séculos.



Figura 27: Gravura de Hans Weiditz, O herbário da bruxa (1532). (FONTE: FEDERICI, 2004).

Com o avanço da caça às bruxas, a sociedade, que já estava em condições de saúde deploráveis, demandou a investigação de novos métodos de cura para os diversos males que assolavam a Europa. Desta forma, abriu-se o caminho para o surgimento e desenvolvimento da ciência moderna, em especial a medicina. (FEDERICI, 2004)

A grande diferença entre a medicina popular praticada pelas mulheres e a medicina oficial é que, na época, todos os especialistas da medicina oficial eram homens, enquanto a maioria dos conhecedores de plantas de remédios naturais eram mulheres (LARNER, 1984). Essas mulheres, sábias e detentoras de conhecimentos medicinais, acusadas de bruxaria, que até então eram representadas judicialmente por homens, pai ou marido, foram perseguidas e levadas diretamente à julgamento.

O iluminismo prega que o fim da perseguição às bruxas só foi concretizado com o advento da racionalidade. Segundo Joseph Klaitz, a nova ciência transformou a vida intelectual, gerando um novo ceticismo à antiga teoria de que o universo necessitava de uma intervenção divina direta e constante, porém Klaitz também afirma que os juízes da

época da inquisição que interceptaram os casos de acusadas de bruxaria, nunca negaram a existência das bruxas.

“Nem na França nem em nenhuma outra parte, os juízes do século CVII, que acabaram com a caça às bruxas, declararam que elas não existiam. Como Newton e outros cientistas da época, os juízes continuaram aceitando a magia e o sobrenatural como teoricamente plausível.” (KLAITS, 1985, p. 163)

Com a Revolução Científica, impõe-se uma nova concepção em que poderes mágicos e demoníacos já não eram responsáveis por fenômenos naturais e sobrenaturais. A perseguição às bruxas acabou entre 1680 e 1684 na Europa ocidental. Segundo Monter, o fim da perseguição não foi devido à vitória da Revolução Científica, mas à propagação do Cartesianismo (MONTER, 1982) O cartesianismo foi um movimento intelectual suscitado pelo pensamento filosófico de René Descartes, primeiro pensador a enfatizar o uso da razão para desenvolver as ciências naturais. Esse pensamento foi o que permitiu desconstruir a concepção da explicação divina para todas as coisas.

A partir desse estímulo ao pensamento, observa-se um verdadeiro entusiasmo pelas descobertas e invenções recentes multiplicando-se os cursos sobre as novas ciências. As mulheres, que nesse momento reivindicam a alfabetização e o acesso à educação, participam ativamente desse movimento de forma direta ou indireta, conforme foi discutido na introdução. Desta forma, começa-se a desenvolver uma teoria que afirma que os defeitos atribuídos as mulheres até então, provêm das carências de educação que recebem.

François Poullain de La Barre, filósofo francês defensor da igualdade entre os sexos, afirma que se as mulheres tivessem as mesmas oportunidades de estudos que os homens, poderiam se sobressair em diversas áreas do conhecimento, além de enfatizar que as mulheres são imaginativas e engenhosas, logo, possuem grande predisposição para as ciências (POULLAIN, 1673). Desta forma, com essa mudança de perspectiva, as mulheres começaram a se inserir cada vez mais no espaço científico.

9. Considerações finais.

Algumas inferências a partir de todos os pontos estudados.

A análise do contexto histórico, social, político, psicológico e religioso nos permitiu uma visão muito mais abrangente do contexto da alquimia na Europa medieval. Notou-se que a igreja católica exerceu grande influência na construção da concepção de “bruxaria”, através de uma ideologia que vinha sendo dissipada a partir da presença da personagem Eva na bíblia e sua imagem pecaminosa, que foi transferida a uma visão geral e estereotipada do feminino. As mulheres, então, ficaram denominadas como pecadoras, carnais, malignas e detentoras da sexualidade, sendo o principal alvo do diabo para execução de pactos e possessões, originando as bruxas.

A construção do mito da bruxaria também foi fortemente influenciada pelo contexto histórico inserido, no qual, além da igreja católica exercer grande poder no pensamento adotado pela sociedade, a Europa passou por diversos transtornos, tais como a fome, a transição política e a peste negra, que fizeram com que o medo do desconhecido e da morte se tornasse a arma mais poderosa para a alienação. A perseguição às bruxas também foi uma forma de censurar algumas mulheres que tinham voz nos movimentos heréticos e ocupavam posições de poder nos mesmos, apresentando uma ameaça para os homens e para a igreja.

“Descreve-se a personalidade feminina que se havia desenvolvido, especialmente entre o campesinato, no contexto da luta contra o poder feudal, quando as mulheres atuaram à frente dos movimentos heréticos, muitas vezes organizadas em associações femininas, apresentando um desafio crescente à autoridade masculina e à igreja.” (FREDERICI, 2004, p. 336)

As mulheres, conhecedoras da natureza, das ervas e suas propriedades alquímicas, foram julgadas como “bruxas”, uma vez que, por serem vistas como inferiores ao sexo masculino, de forma alguma poderiam ter algum conhecimento que era desconhecido pelo homem, sendo a única explicação um pacto com o diabo que as forneceram poderes sobrenaturais e malignos. Assim, quaisquer fenômenos inexplicáveis que ocorriam, eram justificados pela ação de bruxaria, como morte, praga em plantações, disfunções sexuais nos homens, abortos, entre outros.

O uso de substâncias alucinógenas, como a atropina e a escopolamina, extraídas das plantas Mandrágora, Beladona e Meimendo e utilizadas pelas mulheres em forma de unguento também foi de grande importância para a construção de algumas imagens

associadas à bruxaria, como a habilidade das bruxas voarem em vassouras mágicas. Essas substâncias proporcionavam um estado de euforia e a sensação de estar voando, além de outras alucinações. Esses efeitos, apesar de serem conhecidos pelas mulheres que faziam uso dos unguentos, eram condenados como bruxaria pela igreja e seus fiéis, não conhecedores das propriedades das plantas.

Com o advento do racionalismo e a revolução científica, finalmente a caça às bruxas chegou ao fim, criando uma nova concepção de que os fenômenos sobrenaturais e desconhecidos não mais poderiam ser justificados por uma intervenção divina ou maligna. Nesse momento surgem algumas teorias de pensadores que propõem que as mulheres possuem capacidades intelectuais tais como os homens. A partir de então, com o aumento do incentivo aos estudos científicos, as mulheres, que estavam começando a ter acesso à educação, tiveram maior credibilidade e liberdade para participarem ativamente na construção do universo científico e na divulgação do saber dando continuidade, assim, a sua inserção na história da ciência, que já havia sido iniciada com a presença feminina marcante na alquimia.

10. Referências.

- ALBERTS B, JOHNSON A, LEWIS J, RAFF M, ROBERTS K, WALTER P.
Molecular biology of the cell. 4th ed. New York: Garland Publishing Inc.; 2002.
- BÍBLIA Sagrada. São Paulo: Sociedade bíblica do Brasil, 1988. capítulo 30, versículos 14-15-16.
- BIBLIA SAGRADA, Ave Maria, 71ª edição, Edição Claretiana, 1989.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *PCN+*, Ensino Médio, Orientações Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais. História. Brasília, Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2002. Disponível em <http://santoinacio-rio.com.br/PCN_mais_Ciencias_da_Natureza.pdf>. Acesso em 15 de novembro de 2017.
- BRUNTON, L. L.; LAZO, S. J.; PARKER, K. L. As Bases Farmacológicas da Terapêutica, 12ª edição. Pág. 170-180, 2012.
- BYINGTON, C. A. B.; O desenvolvimento da personalidade. Símbolos e Arquétipos. Ed Ática, São Paulo, série princípios, nº 123, 1987.
- BYINGTON, C. A. B.; O Martelo das Feiticeiras - Malleus Maleficarum à luz de uma teoria simbólica da história. 1982. Pág. 599-610.
- COUTEUR, P. L.; BURRESON, J. Os Botões de Napoleão, Jorge Zahar ed, 2006 pág. 204 -224.
- CUNNING, D.; “MARGARET LUUCAS CAVENDISH”; Stanford Encyclopedia of Philosophy. Disponível em <<https://plato.stanford.edu/entries/margaret-cavendish/>>. Acesso em 25 de novembro de 2017.
- FEDERICI, S.; O calibã e as Bruxas: mulheres, corpo e acumulação primitiva, 2004.
- FERNANDES, C.; “PESTE NEGRA”, Disponível em <<http://historiadomundo.uol.com.br/idade-media/peste-negra.htm>>. Acesso em 02 de dezembro de 2017.

- GAGLIARDI, R., GIORDAN, A. La História de las Ciencias: Una Herramienta para la Enseñanza. *Enseñanza de las Ciencias*, v.4, p. 253-258, 1986.
- GEREMEK, Bronisław (1994). *Poverty, A History*. Oxford: Basil Blackwell.
- GOODMAN, L. S. & GILMAN, A. As bases farmacológicas da terapêutica. 9a edição, 1996.
- GONZAGA, J.B.; *A Inquisição em seu Mundo*, quarta edição, 1993.
- HARPER & ROW, The Hag Hammadi Library (1978). Nova York, 1981.
- KLAITS, J.; *SERVANTS OF SATAN: THE AGE OF THE WITCH-HUNTS* (1985).
- KRAMER, H.; SPRENGER, J.; *O Martelo das Feiticeiras*, Editora Rosa dos Tempos, 17ª edição, 2004.
- LARNER, Christina. *Witchcraft and Religion*. Oxford, Basil Blackwell, 1984, pp.141-152.
- LE GOFF, Jacques. *As raízes medievais da Europa*. Petrópolis: Vozes, 2010.
- LIEBEL, Silvia. *Demonização da Mulher: a construção do discurso misógino no Malleus Maleficarum*. 2004. 74f. Monografia (Especialização em Pesquisa Histórica) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, UFPR, Curitiba.
- MARQUES, M. D.; CALUZI, J. J.; *A história da ciência no ensino de química: algumas considerações*, 2005.
- MARTINS, Nereida Soares. *A Maldição das Filhas de Eva: Uma história de culpa e repressão ao feminino na cultura judaico-cristã*. 2008. Disponível em: http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2008%20-%20Nereida%20Soares%20Martins%20da%20Silva%20TC.PDF.
- MATTHEWS, M. R. História, Filosofia e Ensino de Ciências: A tendência atual de reaproximação. *Caderno Catarinense de Ensino de Física*, Santa Catarina, v. 12, n.3, p.164- 214, dez.1995.
- MICELI, Paulo. *O feudalismo: discutindo a história*. Atual, 1996.

- MISSOURI BOTANICAL GARDEN, "ATROPA BELLADONNA L.";
- TOPICOS.ORG, Disponível em <<http://www.tropicos.org/Name/29600155>>. Acesso em 24 de novembro de 2017.
- MONTER, William. Ritual, Myth and Magic in Early Modern Europe. Brighton, The Harvester Press, 1982, p.127.
- MUCHEMBLED, R. Uma história do Diabo: séculos XII-XX. São Paulo: Bom Texto, 2001.
- NUNES, A. O.; SANTOS, A. G. D.; SOUZA, F. C. S.; OLIVEIRA, V. R. C.; A HISTÓRIA DE SETE MULHERES NA QUÍMICA, 2008.
- OKI, M.C.M.; MORADILHO, E.F. O ensino de História da Química: contribuindo para a compreensão da natureza da ciência. Ciência e Educação, Bauru, vol.14, n.1, pp. 67-88, 2008.
- POULLAIN DE LA BARRE, François. Discours Physique et Moral de l'Egalité des Deux Sexes. Paris, Jean Dupuis, 1673.
- PORTELA, L. N. S.; O MALLEUS MALEFICARUM E O DISCURSO CRISTÃO OCIDENTAL CONTRÁRIO À BRUXARIA E AO FEMININO NO SÉCULO XV, 2012.
- RAGO, M. Ser Mulher no Século XXI – Ou Carta de Alforria in VENTURI, G. et al, A mulher brasileira nos espaços público e privado. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.
- READERS DIGEST SELECTION, O Grande Livro do Maravilhoso e do Fantástico, 1997.
- SHAKESPEARE, W., Hamlet, 2002.
- SHAKESPEARE, W., Romeu e Julieta. Editora Sol, 1997.
- SOUZA, R. G.; "Peste Negra"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/historiag/pandemia-de-pestes-negras-seculo-xiv.htm>>. Acesso em 24 de novembro de 2017.

TRINDADE, L. S. P.; BELTRAN, M. H. R.; TONETTO, S. R.; PRÁTICAS E ESTRATÉGIAS FEMININAS: história de mulheres nas ciências da matéria, 2016.

VOLPE, Gioacchino (1975). Il Medioevo. Florença: Sansoni.

WHITMONT, E. Psique e substância. 2ªedição, 1989.

11. Anexo.

Summis desiderantes affectibu.

Inocência, Bispo, Servo dos servos de Deus, para a lembrança eterna.

Desejando, na mais sincera apreensão, como bem requer o Nosso Apostolado, que a Fé Católica, mormente em Nossos dias, cresça e floresça por todas as partes, e que toda a depravação herética seja varrida de todas as fronteiras e de todos os recantos dos Fiéis, é com enorme satisfação que proclamamos e inclusive reafirmamos os meios e métodos particulares pelos quais Nosso desejo piedoso poderá surtir os efeitos almejados, já que quando todos os erros forem erradicados pela Nossa dissuasão diligente, como pela enxada do agricultor previdente, um maior zelo e uma observância mais regular de Nossa Santa Fé venham a ficar mais firmemente impressos no coração dos fiéis.

De fato, chegou-nos recentemente aos ouvidos, não sem que nos afligíssemos na mais profunda amargura, que em certas regiões da Alemanha do Norte, e também nas províncias, nas aldeias, nos territórios e nas dioceses de Mainz, de Colônia, de Trêves, de Salzburg e de Bremen, muitas pessoas de ambos os sexos, a negligenciar a própria salvação e a desgarrarem-se da Fé Católica, entregaram-se a demônios, a Íncubos e a Súcubos, e pelos seus encantamentos, pelos seus malefícios e pelas suas conjurações, e por outros encantos e feitiços amaldiçoados e por outras também amaldiçoadas monstruosidades e ofensas horríveis, têm assassinado crianças ainda no útero da mãe, além de novilhos, e têm arruinado os produtos da terra, as uvas das vinhas, os frutos das árvores, e mais ainda : têm destruído homens, mulheres, bestas de carga, rebanhos, animais de outras espécies, parreirais, pomares, prados, pastos, trigo e muitos outros cereais; estas pessoas miseráveis ainda afligem e atormentam homens e mulheres, animais de carga, rebanhos inteiros e muitos outros com dores terríveis e lastimáveis e com doenças atrozes, quer internas, quer externas; e impedem os homens de realizarem o ato sexual e as mulheres de conceberem, de tal forma que os maridos não vêm a conhecer as esposas e as esposas não vêm a conhecer os maridos; porém, acima de tudo isso, renunciam de forma blasfema à Fé que lhes pertence pelo Sacramento do Batismo, e por instigação do Inimigo da Humanidade não se escusam de cometer e de perpetrar as mais sórdidas abominações e os excessos mais asquerosos para o mortal perigo de suas próprias almas, pelo que ultrajam a Majestade Divina e são causa de escândalo e de perigo para muitos.

E não obstante Nossos queridos filhos Henry Kramer e James Sprenger, Professores de Teologia, da Ordem dos Monges Dominicanos, tenham sido por Cartas

Apostólicas delegados como Inquisidores de tais depravações heréticas, e ainda sejam Inquisidores, o primeiro nas regiões da Alemanha do Norte, onde se incluem as mencionadas aldeias, os distritos, as dioceses e outras localidades especificadas, e o segundo em certos territórios que ficam às margens do Reno, não poucos clérigos e leigos das regiões citadas, procurando curiosamente saber mais do que lhes compete – já que as cartas mencionadas não citam nem fazem menção específica de tais províncias, aldeias, dioceses e distritos, e já que os dois delegados e as abominações que devem combater não foram mencionados de forma pormenorizada e particular – não se acanham em afirmar, na mais despudorada desfaçatez, que tais monstruosidades não são praticadas naquelas regiões, e que, conseqüentemente, os supracitados Inquisidores não têm o direito legal de exercerem os poderes da Inquisição nas províncias, nas aldeias, nas dioceses e nos distritos enumerados, e também que os Inquisidores não podem proceder com a punição, com a prisão e com a penalização dos criminosos culpados das ofensas hediondas e das muitas perversidades que já se acham esclarecidas. Por conseguinte, nas supracitadas províncias, aldeias, dioceses e territórios, as abominações e atrocidades em questão permanecem sem punição, e não sem grave perigo para as almas de muitos e não sem o perigo da danação eterna.

Pelo que Nós, no cumprimento de Nossas obrigações, mostrando-Nos absolutamente desejosos de remover todos os empecilhos e obstáculos que tornam morosa e difícil a boa obra dos Inquisidores, e também desejosos de aplicar remédios potentes para prevenir a doença da heresia e de outras torpezas que difundem o seu veneno para a destruição de muitas almas inocentes, já que Nosso zelo pela Fé é o que Nos incita especialmente, para que as províncias, as aldeias, as dioceses e os distritos e territórios da Alemanha, que já especificamos, não se vejam privados dos benefícios do Santo Ofício para esse fim firmado, pelo teor das presentes letras, em virtude de Nossa autoridade Apostólica, decretamos e estabelecemos que os mencionados Inquisidores têm o poder de proceder, para a justa correção, aprisionamento e punição de quaisquer pessoas, sem qualquer impedimento, de todas as formas cabíveis, como se as províncias, as aldeias, as dioceses, os distritos e territórios, e ademais, como se inclusive as pessoas e os crimes dessa espécie, tivessem sido indicados e especificamente mencionados em Nossas cartas.

Além disso, para maior segurança, determinamos que o poder conferido por tais Cartas se estendem a todas as mencionadas províncias, dioceses, aldeias, distritos e territórios, a todas as pessoas e a todos os crimes acima indicados, e damos permissão aos supracitados Inquisidores, a um separadamente ou a ambos, como também a Nosso filho

John Gremper, pároco da Diocese de Constance, Mestre em Ciências Humanas, a seu notário, ou a qualquer outro notário público, que esteja com eles, ou com um deles, temporariamente designado para aquelas províncias, aldeias, dioceses, distritos e os supracitados territórios, para proceder conforme as normas da Inquisição contra quaisquer pessoas de qualquer classe ou condição social, corrigindo-as, multando-as, prendendo-as, punindo-as, na proporção de seus crimes – e aos que forem considerados culpados que a pena seja proporcional à ofensa.

Além disso, gozarão da plena faculdade de expor e de pregar a palavra de Deus aos fiéis, tanto quanto for oportuno e quanto lhes aprouver, em cada uma das paróquias de tais províncias, e haverão de livre e licitamente realizar quaisquer ritos ou executar quaisquer atos que possam lhes parecer recomendáveis nos casos mencionados.

Pela Nossa autoridade suprema, conferimos-lhes poderes plenos e irrestritos.

Ao mesmo tempo, pelas Cartas Apostólicas, solicitamos ao nosso venerável Irmão, o Bispo de Strasburg, que ele próprio anuncie, ou através de outra ou de outras pessoas faça anunciar, os termos de Nossa Bula. Que há de publicar de forma solene quando e sempre que julgar necessário, ou quando assim for solicitado a proceder pelos Inquisidores ou por um deles. Nem haverá ele de padecer em desobediência ao teor da presente por ser molestado ou impedido por qualquer autoridade que seja : haverá de ameaçar a todos os que vierem a dificultar ou impedir a ação dos Inquisidores, a todos os que se lhes opuserem, a todos os rebeldes, de qualquer categoria, estado, posição, proeminência, dignidade ou qualquer condição que seja – não importando o privilégio de que disponha – haverá de ameaçá-los com a excomunhão, a suspensão, a interdição, e inclusive com as mais terríveis penas, as piores censuras e os piores castigos, como bem lhe aprouver, e sem qualquer direito de apelação, e se assim o desejar poderá, pela autoridade que lhe concedemos, agravar e renovar tais penas quantas vezes for necessário, recorrendo, se assim convier, ao auxílio do braço secular.

Non obstantibus... Que ninguém portanto... Mas se alguém assim ousar agir – que Deus o proíba -, saiba que sobre si recairá a ira de Deus TodoPoderoso, e a dos Bem-Aventurados Apóstolos Pedro e Paulo.

**Roma, Basílica de S. Pedro, 9 de dezembro do Ano da Encarnação de Nosso
Senhor de 1484, no primeiro Ano de Nosso Pontificado.**